

FMS CADERNOS MARISTAS
N.º 21 – Ano XVII – abril de 2005

Chefe de redação:
Comissão de Patrimônio

Diretor técnico:
Ir. Onorino Rota

Colaboradores neste número:
Irs. André Lanfrey e Frederick Mc Mahon

Tradutores:
Espanhol: Antonio Aragón, José María Ferre, Jaume Parès, Josep Roura
Français: Jean Rousson
Inglês: Edward Clisby, Ross Murrin
Português: Virgílio Josué Ballestro, Antonio Pereira, Manoel Soares

Diagramação e Fitolitos:
TIPOCROM S.R.L. – Roma

Redação e Administração:
Piazzale Marcellino Champagnat, 2
C.P. 10250 – 00144 ROMA
Tel. (39) 06 54 51 71
Fax (39) 06 54 517 217
E-mail : publica@fms.it
Web site: www. champagnat.org

Edita:
Instituto dos Irmãos Maristas
Casa Generalícia – Roma

Imprime:
C.S.C. GRAFICA S.R.L. – Roma

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

- **Comissão de Patrimônio**
Reflexão sobre sua composição e trabalho.
Ir. André LANFREY 3

ESTUDOS

- **Como os outros nos vêem** 9
Ir. Frederick MC MAHON
- **Um Novo Documento** 73
Ir. André LANFREY

Reflexão sobre a composição e responsabilidades da Comissão de Patrimônio

Ir. André LANFREY, FMS

Aconteceu em Roma, nos dias 24 a 28 de maio de 2004, uma reunião da Equipe de Patrimônio. Dela participaram os Irmãos Auréliano Brambilla (México), Michel Green (Austrália), André Lanfrey (França), Paul Sester (França), Jaume Parès (Espanha), Ivo Strobino (Brasil). Essa equipe trabalhou conjuntamente com o comitê de patrimônio, composto dos seguintes Conselheiros gerais: Irmãos Antonio Ramalho, Pedro Herreros, Théoneste Kalisa e Peter Rodney. Como resultado desses dias de reflexão, foi elaborada uma síntese que fundamenta as páginas abaixo.

I. NATUREZA E COMPETÊNCIA DA EQUIPE

Como acabamos de perceber, a equipe deve ser internacional e constituída de membros que realizam um trabalho regular sobre o patrimônio. Evidentemente, trata-se do patrimônio espiritual e intelectual, visto que o patrimônio material não é da sua competência, exceto no que se refere a alguns lugares históricos, como l'Hermitage.

Assim sendo, os trabalhos do patrimônio podem ser diversos, uns mais relacionados com o estudo e a crítica das fontes; outros mais preocupados com difusão e a formação... A comissão reconhece também o papel fundamental daqueles que realizam trabalhos mais especializados, tais como as traduções, a informatização das fontes, a edição, os contatos com pessoas de outra região para buscar colaboradores... Sobre essa questão, percebemos que a relação entre a produção e a edição sofre algumas difi-

culdades que, em particular, retardam ou limitam exageradamente a produção dos Cadernos Maristas:

Fraca internacionalização da produção de pesquisa: a contribuição principal continua sendo muito na língua francesa. A solução seria que os membros da comissão encontrassem autores na sua área linguística.

As relações entre a comissão e a administração geral necessitam ser melhor definidas no que se refere aos trabalhos de tradução e edição. A solução parece estar numa relação privilegiada com o secretariado geral e o responsável das publicações da Casa geral.

O problema das traduções. A comissão prever mandar ela mesma traduzir sua produção, o máximo possível. No entanto, parece ser necessário que o secretariado geral assuma a responsabilidade de uma parte desses trabalhos, proporcionando-lhe uma atenção necessária enquanto prioridade.

No que se refere às traduções, coloca-se também a questão da fidelidade ao original, pois os autores têm tido, por vezes, a surpresa de ver que seu pensamento foi interpretado de maneira aproximativa ou mesmo falsa. Um contato direto entre os tradutores e os autores seria necessário.

Coordenar redes e lugares centrais

Durante muito tempo a preocupação com o patrimônio espiritual e intelectual da Congregação foi assumida pelos formadores, pelos superiores e um certo número de indivíduos, funcionando mais ou menos em rede. Evidentemente, os arquivos romanos e aqueles das Províncias serviam para conservar esse patrimônio, mas a exploração deles continuava limitada e, no meu parecer, insuficientemente coordenada.

Essa situação não teve senão inconvenientes e permitiu avanços importantes no conhecimento do nosso patrimônio, particularmente na revelação e publicação informatizada de fontes inéditas.

Hoje, parece que é necessário melhor coordenar todas as iniciativas e, sobretudo, situá-las em um conjunto conceptualmente confiável. Assim, a comissão de patrimônio deveria focalizar sua atenção sobre a organização das fontes e a publicação de trabalhos com valor científico reconhecido, de tal sorte que seja criado um tipo de marca semi-oficial. Isso é particularmente importante para as publicações eletrônicas, muito diversas, por vezes fundadas sobre fontes não verificadas e em geral sem um aparato crítico. A comissão do patrimônio não tem a vocação para fornecer uma literatura de divulgação, mas oferecer-lhe fundamentos sólidos.

Evidentemente, coloca-se a questão da necessidade de uma relação entre divulgadores, formadores e comissão de patrimônio. O ideal, assim me parece, seria que o trabalho patrimonial seja amplamente explorado nas casas de formação e nos lugares que realizam publicação marista. Talvez isso já aconteça em algumas partes. Mas no conjunto, essa coordenação me parece se limitar a um anti-intelectualismo, tradicional entre nós, que considera que os trabalhos de cunho científico são nulos e não destinados para aqueles que “têm os pés na terra”, e pouco úteis para a compreensão da nossa espiritualidade. Inversamente, existe em algumas regiões do Instituto, centros de reflexão e de publicação que merecem uma difusão geral da qual a comissão de patrimônio poderia se encarregar.

Essa perspectiva de coordenação global coloca, finalmente, a questão de um lugar fixo para a comissão. Mas quanto à essa questão, a situação parece não estar amadurecida, visto que ela depende, talvez, da competência de uma outra comissão: a dos lugares maristas.

2. RELAÇÕES COM OUTRAS COMISSÕES

Parece que o caminho mais prático para coordenar formação, lugares maristas e espiritualidade seja o contato direto entre as diversas comissões. Essa coordenação nos parece particularmente importante a respeito de um projeto de manifesto sobre a espiritualidade marista, para evitar a confusão entre espiritualidade marista e espiritualidade Champagnat. A primeira é mais vasta e heterogênea, mesmo que a segunda componha a sua raiz. Esta questão permite, então, lembrar à comissão de que o patrimônio não se reduz ao estudo das origens, mas ao conjunto da tradição marista em toda sua amplitude histórica e na sua diversidade, pois ela engloba também a família marista. Nos parece, pois, que a colaboração para o projeto de definição da espiritualidade marista deveria se situar não somente no nível dos membros da comissão do patrimônio, mas também de maneira mais estruturada.

A partir de um plano prático, e para não multiplicar as reuniões, seria oportuno aceitar por princípio que toda reunião do patrimônio, da formação ou da espiritualidade se realize com a participação de um representante das duas outras comissões. Ele seria o encarregado de manter os outros membros da sua comissão inteirados do que acontece. Esta preocupação de colaboração teria também como consequência o fato de susci-

tar nas Províncias e regiões uma coordenação proveitosa, sem para tanto ter que misturar tudo. O patrimônio teria a chance de sair do guêto, onde seus membros, frequentemente, são vistos como pessoas originais em busca de pesquisas teóricas, para as quais somente eles vêem a utilidade.

Definitivamente, a coordenação entre essas três comissões deveria repousar sobre a convicção de que a espiritualidade, o patrimônio e a formação têm um único e mesmo objetivo: fazer da tradição marista, até o momento mais vivida do que pensada, uma corrente espiritual autêntica, chamada a se estruturar como escola. No tempo do cristianismo podíamos conceber uma Igreja hierarquizada em três níveis: o clero pensando, as congregações transmitindo e o povo obedecendo. Hoje, todo cristão deve pensar sua fé, e com mais razão, todo religioso. Se no passado um irmão podia não ter necessidade de dar conta racionalmente da sua espiritualidade, hoje, essa incapacidade para se definir parece escandalosa, sobretudo aos olhos dos leigos que, a justo título, busca entre nós referências espirituais e intelectuais.

Nosso futuro dependerá da nossa capacidade para reforçar nossa consistência intelectual e espiritual segundo três eixos complementares: patrimônio-espiritualidade-formação

Esta identidade marista deve ser ainda mais cuidada, posto que estamos integrados a uma “família” espiritual, cujos ramos nos fornecem riquezas e esperam a mesma coisa de nós. Eis porque é necessário estudar a possibilidade de abrir nossa comissão a convidados de outros ramos e aos leigos. Isso já se faz na França, com bom resultado.

3. CADERNOS MARISTAS

Esta revista é uma das principais razões de ser da comissão que, sem ela não teria nenhum outro meio de divulgar seus trabalhos. Então, mesmo que ela seja pouco lida pelos irmãos, a revista deve ter continuidade, pois a sua importância depende mais da qualidade da sua produção do que número dos seus leitores. Por outro lado ela deve suscitar a estima dos irmãos, mas também de outras congregações e de leitores externos. Isso sobre diversos temas: teologia, história, filosofia, espiritualidade... o denominador comum dos artigos não sendo um número restrito de disciplinas, mas um alto nível de qualidade da sua expressão. A comissão do patri-

mônio tem o dever de velar por essa qualidade, aceitando, recusando ou pedindo para rever todo o trabalho que lhe é proposto.

O estatuto da revista é claro: seu conteúdo não reflete necessariamente a doutrina oficial da instituição, mas o estado da sua livre reflexão sobre os diversos assuntos concernentes. Ela é, pois, redigida sob a responsabilidade direta da comissão de patrimônio e dos autores de artigos, cabendo ao Conselho geral que nomeou a comissão, a responsabilidade indireta. Em todo caso, não é normal que tal ou tal artigo dos Cadernos Maristas suscite, quando a ocasião se apresenta, um debate para o qual a revista pode ela mesma responder.

4. « FONTES HISTÓRICAS »

Os padres maristas têm publicado, sob o título de “Fontes Historice Societatis Mariae”, as “Origiens Maristas” e diversas outras obras do patrimônio marista. O Ir. Paul Sester publicou, na sua coleção, com a autorização dos Padres Maristas, as Cartas do Fundador. Depois de alguns anos, graças ao Ir. Paul Sester e numerosos irmãos aposentados, um grande número de fontes manuscritas maristas foram informatizadas, fotocopiadas e colocadas à disposição dos pesquisadores e curiosos. Seu acesso, no entanto, continua sendo difícil, pois falta à maioridade delas uma introdução crítica, notas e índices. Além do mais, um certo número dessas fontes foram recolhidas de maneira desorganizada, muito díficeis para serem lidas na forma com estão.

Não existe nenhuma dúvida sobre sua importância para o conhecimento aprofundado da espiritualidade marista do século XIX (do Padre Champagnat à morte do Ir. Francisco), além de permitir compreender como foram realizados os textos fundamentais da congregação, como as Regras, o Guia das Escolas, a Vida do Padre Champagnat, os Avisos Lições e Sentenças.

O objetivo seria, pois, realizar uma reedição crítica “definitiva” de todas as fontes do Instituto, escritas ou impressas, a fim de compor um cânon confiável dos escritos maristas, susceptível para ser disponibilizado também sobre um suporte informatizado (CD, DVD), garantido pela marca da comissão de patrimônio.

Em um primeiro momento duas publicações estão previstas no espaço de mais ou menos um ano. O Ir. Paul Sester publicaria um volume de

todos os documentos Champagnat, que não figuram nas cartas, mas já foram publicados por partes nos Cadernos Maristas. O Ir. André Lanfrey faria um segundo volume sobre as instruções, exames de consciência, meditações, contidos nos cadernos do Ir. João Batista e do Ir. Francisco, e que nunca foram publicados até hoje. Enfim, como numerosos textos têm uma importância limitada, poderia-se pensar numa antologia das fontes, as mais significativas, para a qual os Cadernos Marista poderiam ser o suporte. Teríamos, assim, uma edição erudita e uma outra mais adaptada à formação.

5. FORMAÇÃO PARA O PATRIMÔNIO

A criação de institutos de formação marista de nível universitário poderia, a médio prazo, permitir a valorização do patrimônio marista. Um objetivo modesto nos parece realizável e urgente: preparar nossos substitutos na área do patrimônio. Mesmo que em diversos lugares tenha havido períodos de formação que permitiram iniciar muitas pessoas no estudo do patrimônio marista, continua ainda a dificuldade para passar de uma iniciação elementar ou média, para um conhecimento aprofundado, estando os irmãos formados ocupados em tarefas urgentes. Digamos, pois, que o Instituto deveria se esforçar para aprofundar a iniciação ao estudo da identidade, estando atento para favorecer aqueles que manifestam disposições para essa especialidade. Neste caso, a comissão poderia oferecer uma ajuda.

CONCLUSÃO

Nossa convicção é, pois, que se a renovação do Instituto passa por uma renovação da sua espiritualidade e da sua formação, esta não pode ser forjada e aprofundada senão através de uma renovação intelectual, para a qual a comissão de patrimônio representa uma peça chave.

Ir. André Lanfrey, 22/10/04

Como os outros nos Vêem

São Marcelino Champagnat a sua história e o seu caráter nos escritos dos seus contemporâneos

Ir. Frederik Mc MAHON, FMS

INTRODUÇÃO

Neste livrinho deparamo-nos com Champagnat e com a sua história, numa visão dos sacerdotes, seus contemporâneos, em geral sacerdotes maristas. A história de Champagnat apresenta-se por inteiro com base em documentos originais; a história não é toda referida, mas o que se apresenta vem sancionado pela autenticidade dos documentos originais e pelo frescor do ponto de vista de diferentes narradores. Em muitos casos, a história é apresentada através da pena de terceira pessoa; deste modo, cumpre ter em conta a liberdade e as falhas de conhecimento dos narradores, mas simultaneamente pensar que os registros dessas terceiras pessoas têm os seus próprios preconceitos e podem estar inclinados a erros. Em que pesem tais limitações, temos aqui novo material sobre Champagnat que pode e deve auxiliar no aporte de compreensão mais profunda do santo e da sua história.

Uma das vantagens desse modo de encarar os documentos relativos à história de Champagnat está em que os leitores não estão vendo Champagnat através do olhar de um único biógrafo, pelo que podem formar a sua própria avaliação dos caracteres e das situações. Por certo se tecem comentários dos documentos fornecidos, mas eles não devem necessariamente ser aceitos. Os leitores são encorajados a formar a sua conclusão pessoal desses documentos.



Aqui apenas constam as partes relevantes da história da Sociedade de Maria que se reportem a Champagnat.

O primeiro relato, que é do padre Bourdin, constitui uma como autobiografia de Champagnat, como primeira história e narrativa-chave deste livrinho.

AUTOBIOGRAFIA DO PADRE CHAMPAGNAT

Os primeiros anos do Instituto

O mais próximo que podemos chegar a uma autobiografia do Pe. Champagnat seriam as memórias do Pe. Bourdin, sacerdote marista companheiro dele, que foi o seu assistente em Nossa Senhora de l'Hermitage de 1828 a 1831. Em forma de notas, ele registrou as conversas de mesa do Pe. Champagnat no concernente aos dias pioneiros dos Irmãos Maristas em La Valla e Nossa Senhora de l'Hermitage.



São Marcelino
Champagnat
(1789-1840).

Notas do Padre Bourdin sobre os primórdios do Instituto

“As primeiras notas escritas sobre qualquer ramo da sociedade de Maria parecem ser sobre a morte de dois Irmãos Maristas, falecidos em l'Hermitage. Tais notas foram preparadas em 1830 pelo Pe. Bourdin, capelão da casa”¹.

Foi somente em 1841 que o plano geral de pesquisa histórico sobre todos os ramos da Sociedade apareceu. A morte do Pe. Champagnat em 1840 fez profunda impressão em toda a Sociedade. Com o seu desaparecimento a Sociedade perdeu não apenas um dos primeiros companheiros dos dias do seminário maior, mas também o fundador dos Irmãos Maristas. O Instituto que ele fundou preocupou-se em recolher tudo o que pudesse preservar a sua memória. O Pe. Denis Maîtrepierre, um dos sacerdotes do primeiro grupo de profissão de 1836 e Provincial dos primeiros dias, promoveu o projeto histórico de todos os ramos da Sociedade. Assim, aconteceu que, chegando a l'Hermitage no final de 1841, ele deu início ao trabalho de coletar documentos, trabalho que prosseguiu por quinze anos entre os Irmãos Maristas, sob a direção do Ir. João Batista, que produziu a “Vida do Padre Champagnat” em 1856.

Começando na pobreza e na carência de todo o recurso humano, o

¹ O.M. Vol. II. P. 5.

Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria, nos dias primordiais da sua existência, não podia esperar encontrar nas suas fileiras um competente historiador ou mesmo um analista. O gabarito intelectual daqueles Irmãos da primeira hora era por demais limitado. O seu Fundador, esmagado pelas preocupações administrativas e materiais, não tinha tempo disponível para lançar por escrito informações para a posteridade; assim, não é surpreendente que não haja informes históricos da vida interna do Instituto antes de 1830.

Os primeiros seis Irmãos que faleceram, cujas mortes transcorreram entre 1825 e 1828, não tiveram comentário escrito, afora umas poucas páginas redigidas mais tarde pelo Ir. João Batista sobre o Ir. João Pedro; o Instituto recolheu deles pouco mais do que os seus nomes. Irrompeu, assim, a necessidade de preservar certa massa de trabalho e os bons exemplos desses primeiros Irmãos. Necessitava-se de certo homem com o necessário tempo e talento para se valer da pena.

“Pelo fim de 1828, chegou a l’Hermitage um jovem diácono, João Antônio Bourdin, homem dotado de verdadeira capacidade literária. Foi ele que deu ao Instituto as suas primeiras lembranças escritas. Assim, os dois Irmãos mortos em 1829 receberam no ano seguinte o condizente esboço biográfico, redigido em estilo acadêmico”².

“Um estudo das notas do Pe. Bourdin mostra que, em grande parte, elas se referem a fatos acerca dos quais somente o Pe. Champagnat podia falar; por exemplo, o espinhoso diálogo entre o Pe. Rebod e Champagnat, seu pároco. Ademais, a conversação com os sacerdotes Dervieux, Courbon e Bochart não tinham nenhuma outra testemunha que lhes dissesse respeito. Por outra, os detalhes da luta do Fundador com os seus superiores eclesiásticos, especialmente a ameaça de interdição, não havia sido revelada aos Irmãos em toda a sua seriedade. O próprio Ir. João Batista fala desses assuntos muito lealmente: “Todas essas contradições eram tanto mais penosas para ele, visto que provinham de um homem que era o seu Superior, o que o obrigava a guardá-las estritamente para si. Para não assustar ou desencorajar os Irmãos, Champagnat não falava delas, ou emitia alguma referência somente em termos gerais e vagos”³.

“Passado o perigo, era muito improvável que o Pe. Champagnat houvesse revelado tais incidentes aos Irmãos. Ele, que lhes tinha ensina-



Pe. Jean-Antoine
Bourdin
(1803-1883).

² O.M. Vol. II. P. 729.

³ Vida, p. 116

do com tanto empenho “o respeito e a submissão aos Pastores da Igreja”⁴ e a não criticá-los de forma alguma, não se teria reportado, na sua presença, às cenas tão tensas desse penoso drama. Naturalmente, ainda assim, diante do sacerdote companheiro, Champagnat não teria a mesma razão para ser reticente. Ele teria falado dessas dificuldades e teria ficado feliz em fazê-lo, porquanto, uma vez passado o aborrecimento, poderia falar aberta e plenamente do assunto a umas poucas pessoas”⁵.

As notas do Pe. Bourdin dão testemunho do Fundador. Há pouca coisa nas notas acerca do modo de vida dos Irmãos ou acerca das instruções que Champagnat lhes dava. Não há termos que expressem admiração pelo Fundador, como encontramos nos escritos do Ir. Lourenço ou do Ir. João Batista.⁶ O valor histórico das notas de Bourdin é considerável. Elas nos chegam em toda a sua abruta franqueza. Aqui o Pe. Bourdin comparece mais como estenógrafo do que escritor. Não deve ser excluída, porém, a possibilidade de erro de julgamento ou falsa cronologia. É conversação que ele bosquejava; ele não reescrevia as suas notas em forma de história. Além disso, cumpre salientar que Bourdin não tentava relatar a história completa de Champagnat; escrevia apenas o que ouvia do seu confrade de l’Hermitage.

Alguns pontos sobre o estilo de escrever de Bourdin

O método de narração de Bourdin consiste em exercer o papel de um como repórter, relatando na terceira pessoa aquilo que Champagnat lhe havia dito: isto se manifesta pelo uso de aspas. As palavras diretas de Champagnat a Bourdin, as palavras dele na conversação com pessoas e as suas palavras a Bourdin, ou a outros, aparecem com aspas. No fim de parágrafo, onde não há fecho com aspas, o leitor deve entender que a passagem vai continuar no parágrafo seguinte.⁷

A apresentação das Notas de Bourdin tornou a ser arranjada em nova ordem cronológica mais rigorosa. Frases elípticas foram transformadas em períodos plenos, de tal modo que a narrativa transcorra com maior suavidade. Além disso, dado que as Notas de Bourdin não cobrem a história por inteiro, fraseado isolado e parágrafos de material explanatório, quando sem aspas, hão de auxiliar o leitor a estabelecer conexão entre tópicos tratados por Bourdin e as secções relevantes da história de Champagnat. Os documentos originais referidos nas observações de fundo de página podem ser encontrados nos quatro volumes das “Origines Maristes”

⁴ Vida, p. 356

⁵ O.M. 2 pp 739-740

⁶ O.M. 2 p.740

⁷ A exemplo da tradução francesa, há somente aspas para todas as citações.

e na “Vida do Padre Champagnat” do Ir. João Batista Furet.

Quase todas as ilustrações no texto da história de Bourdin são fotografias dos quadros que podem ser encontrados no “Berço do Instituto”, isto é, na primeira casa ocupada pelos Irmãos e Champagnat em La Valla. Os quadros, de modo singular e singelo, retratam a vida de pobreza de Champagnat e dos seus primeiros seguidores e igualmente os maiores eventos dos anos de La Valla.

NOTAS DO PADRE BOURDIN

(Fonte: “Origines Maristes”, Vol. II, Doc. 754 p.741)

EM LA VALLA

“Durante muito tempo o Pe. Champagnat teve em mente o ramo dos Irmãos da Sociedade de Maria. Este ramo foi-lhe confiado já no seminário maior pelo grupo dos aspirantes maristas. Ele começou o trabalho em 1817. No primeiro domingo de outubro de 1816, ele encontrou João Maria Granjon, primeiro recrutado, e viu nele um bom rapaz. O jovem foi convidado a vir morar junto à Igreja para aprender a ler. Ah, sim ! É uma boa idéia.”

O domingo, 6 de outubro de 1816, era festa do santo rosário. O fato de que esta entrevista decisiva se realizou numa festa de Nossa Senhora permaneceu vivaz na memória de Champagnat. Esta data pode ser tomada como marca do primeiro passo de Champagnat na fundação do Instituto que tinha em mente. Aquele sim é provavelmente o encorajamento de Champagnat a Granjon para que viesse viver perto da igreja, a fim de aprender a ler.

“Vinba chamar-me por causa de uma pessoa doente em La Rive”. O povoado La Rive fica a um quilômetro e meio de La Valla, perto do lugar onde a primeira represa do Gier⁸ foi construída. Granjon foi quem chamou Champagnat a assistir a pessoa doente.

“O que compeliu Champagnat a apressar-se foi a subsequente visita a um jovem doente na distante encosta do monte Pilat.”

Marcelino foi tomado pela necessidade urgente de encontrar um meio para instruir os jovens.

“Eu saí durante um momento à casa vizin-



Assistência do jovem Montagne em Les Palais, na paróquia de La Valla.

⁸ O.M. Vol. II. Doc. 752, 753, Doc. 755.

ha e, ao voltar, encontrei o jovem morto. Pensei: “Quantas crianças não estão no caminho da salvação. Se os instruímos encontrarão o caminho do arrependimento.” Imediatamente pôs-se a realizar o plano que alimentava há muito tempo.

“Tendo conhecido Granjon” (e pouco depois, João Batista Audras)⁹, Champagnat queria comprar, em nome do pároco, uma casa em que alojar os dois candidatos.¹⁰ Ainda assim, para não aborrecer o Pe. Rebod, Champagnat disse ao pároco que se destinava a um professor”. A casa fora comprada de certo senhor de nome Bonner.

“Temendo incorrer em dívidas, o Pe. Rebod não queria que a compra se ultimasse. Isto foi ocasionado pelo temor de Rebod de que a sua paróquia precisasse de dez anos para fazer face às suas dívidas.” Em 1817 Rebod era pároco havia cinco anos, já que havia sido designado em fevereiro de 1812.

“Champagnat, querendo proceder a um ensaio do seu projeto, não deu a conhecer claramente a Rebod que a casa era para ser o berço do seu planejado Instituto de Irmãos. Ele sugeriu ao pároco que ele compraria a propriedade; mas, como o pároco não queria a compra da casa, decidiu adquiri-la por sua conta e risco.

“Champagnat combinou com o senhor Bonner a compra da propriedade. Houve complicações, porque a propriedade estava no nome do filho de Bonner, que não queria vendê-la. Parece que o filho estava com problemas financeiros, em razão de dois contratos a que se ligara; o pai, que talvez não houvesse recebido o pagamento do filho, estava em condições de pressionar o filho no sentido de vendê-la a Champagnat.

“A coisa estava neste estágio, na proximidade da festa de Todos os Santos, quando Rebod, opondo-se às ações de Champagnat, tentou cancelar o arranjo do seu vigário; Champagnat, porém, conhecedor das dificuldades do arranjo da compra, e sentindo-se sob pesado ataque, defendeu com firmeza o seu direito de adquirir a propriedade.

“A minha condição de sacerdote não me impede de possuir alguma propriedade. Vossa Reverência pode não me querer como coadjutor; mas morar em alguma casa em La valla é o meu privilégio. Vou fazer uso



○ primordial 2 de Janeiro, em 1817.
Os dois primeiros Irmãos entram no berço do Instituto em La Valla.

⁹ O.M. Vol. II. Doc. 416, Sect.1, Doc. 757 Sect.2.

¹⁰ Retificação do tradutor da língua francesa: é sobre o riacho Ban, afluente do Gier.



Mesa e aparador feito por Champagnat na casa dos Irmãos em La Valla.

dele e, quando eu sair, a casa será sua. Depois dessa crise, o Pe. Rebod mudou a sua atitude, suavizou o modo de encarar o projeto e até o auxiliou, pondo dinheiro nele”.

Naturalmente, a promessa de obter a propriedade da casa depois da saída do seu vigário há de ter ajudado Rebod a mudar de opinião. Em parte, a oposição de Rebod vinha do seu desejo de evitar compromissos e dívidas. Não desejava permanecer em

La Valla por muito tempo e tinha esperança de ser transferido para alguma paróquia mais importante. Realmente, ele ficou em La Valla por 12 anos, sendo exonerado dos seus deveres em 24 de maio de 1824. Pouco depois, ele faleceu em St. Chamond, em 27 de janeiro de 1825, aos 46 anos.

“Durante o primeiro ano havia três Irmãos: Granjon, J.B. Audras e J. C Audras. Champagnat ajudou-os no melhoramento da sua leitura; ganhavam algum dinheiro na feitura e venda de grandes pregos.”

“Em certa ocasião uma pequena quantidade de batatas foi comprada. Os pobres Irmãos comeram-nas; as crianças também. No fim havia quase tantas como no começo.”

Importa notar que diversas multiplicações análogas de alimento são referidas no começo das Irmãs Maristas. Não há menção desse episódio na “Vida de Marcelino Champagnat” do Irmão João Batista.

“A pobreza é a nossa companheira. Vocês vieram aqui e, embora a casa não seja nossa, vocês podem considerá-la como sua.” Durante cerca de um ano, a escritura da propriedade estava ainda com o vendedor Bonner. Ainda assim, obviamente, as palavras de Champagnat referiam-se à idéia de que a casa pertencia ao Instituto recém-fundado. Doravante, em certo sentido, *‘a casa não é nossa’*; mas, em outro sentido, *podem eles considerá-la como sua*”. Na realidade, consumada a compra do senhor Bonner, a propriedade estava nos nomes de Champagnat e Courveille.¹¹ Champagnat pôde conseguir emprésti-



Aprendizagem de leitura e manufatura de pregos: educação e trabalho manual.

¹¹ Vida p. 55

mos dos amigos; e Courveille, inspirador do movimento marista, também colaborou, aportando cerca da metade do dinheiro. No decorrer de 1818, mudou-se do presbitério e uniu-se aos Irmãos na sua tosca habitação.

Durante seu período de formação, os irmãos iam aos lugarejos próximos ensinar o catecismo às crianças.

“Nesse tempo, João Maria Granjon, que ainda não tinha a designação de Irmão, trouxe dois pobres meninos, cujos pais estavam felizes com o ensino e formação que os seus filhos recebiam do discípulo de Champagnat. Muitos outros pais almejavam seguir o exemplo deles. O Pe. Rebod ficou muito aborrecido com tal desenvolvimento, porquanto o professor particular da vila, figura de bêbado e jogador, era homem que se mostrava muito apegado ao pároco. Champagnat interveio, falando ao Irmão, que não era natural da vila, e que, embora de poucas letras, era irrepreensível de comportamento. Champagnat proibiu-lhe que recebesse as crianças e os pais, indicando que todos deveriam apresentar-se ao pároco, de modo que este pudesse tomar conhecimento da matrícula da escola. Nesse estágio, Rebod atacou Champagnat: “Vossa Revma. é a causa de que este professor esteja no olho da rua”. O coadjutor respondeu: “Vamos à escola e, se Vossa Reverendíssima achar que eu tenha trazido alguns meninos sem a sua licença, bem poderá retirá-los. Se, pelo contrário, os tiver autorizado, não poderá contradizer a sua palavra”.

“O resultado desse episódio foi que o professor deixou o campo da luta. Os Irmãos de Champagnat não tinham condizente rival na vila de La Valla”. Pouco depois, dois Irmãos são enviados a Marlhès, na temporada escolar de inverno: um sabe ler bem, o outro nem tanto. O pároco disse: “Eles são santos”.



Irmão catequista nos povoados.

“O Pe. Collon de Gaste, de Saint Sauveur, foi visitar Champagnat. Disse-lhe: “Dê-me dois sujeitos como aqueles do pároco de Marlhès. O pároco de Saint Sauveur havia-os solicitado. Então Champagnat observou: “Nada além disso”, significando que a condição essencial para enviar Irmãos a alguma comuna era que eles fossem reivindicados pelo pároco”.

“Collon continuou: Vossa Reverendíssima ainda treina esses jovens? O pároco de Marlhès chama-os Irmãos. Assim, prometemos que os tomaríamos para a festa de Todos os Santos. Eram chama-

dos os Irmãos de Marlhès e não de La valla, porque o pároco de La Valla não era defensor daqueles Irmãos”.

O senhor Collon, de oitenta anos, estava muito satisfeito com eles. O Pe. Collon afirmou: “Coloque nas suas Regras que os Irmãos nunca tomem as suas refeições na casa do pároco”.

Há duas interpretações do “*padre*” Collon. Primeira, o homem idoso foi chamado padre para distingui-lo do filho dele, prefeito então de Saint Sauveur. Segunda, a súbita mudança de “senhor” para “padre” pode talvez significar que Bourdin está agora referindo-se a outro filho do senhor Collon, um sacerdote que tivesse alguma ligação com os aspirantes maristas. No concernente às refeições, certo adendo foi feito às Notas de Bourdin, *não em casas particulares*. Esse artigo pode ser encontrado também nos mais velhos manuscritos da Regra, conhecida como “a Regra dos Irmãos de Maria”, que se encontram no mosteiro de Saint Sauveur. A mesma injunção, quase idêntica, pode encontrar-se na Regra dos pequenos Irmãos de Maria, edição de 1837.



Aulas primordiais. O Irmão professor e o Irmão cozinheiro. O cuidado dos meninos é, de certo modo, compartilhado.

“Mais tarde, um ex-irmão lassalista formou-os no novo método de ensino.” Se esta passagem não se reportar à formação dos homens de Champagnat em Saint Sauveur por algum ex-lassalista, há de estar mal colocada. A referência pode muito bem dizer respeito ao treinamento dos Irmãos de La Valla, antes da sua entrada no apostolado escolar, alguns anos antes. O sentido não é claro. Certamente não se reporta ao ex-lassalista que trouxe oito postulantes em 1822. É possível que a citação se refira a professores que os Irmãos substituíram em Saint Sauveur.

“O Ir. João Maria, ex-soldado, permaneceu em La Valla para exercitar os noviços.” Havia sido granadeiro da Guarda Imperial. Em vez de ser enviado a Marlhès ou Saint Sauveur, ficou em La Valla como mestre de noviços.

Nas Notas de Bourdin, encontramos então algumas indicações sobre certo benfeitor local: *“o senhor Basson, homem excelente, residia em La Valla, aconselhava e auxiliava o Pe. Champagnat.”*¹² É muito evidente a capacidade de Champagnat de fazer amigos e conservá-los, graças ao seu

¹² O.M. Vol. IV, P. 220.

companheirismo, sinceridade, generosidade e à sua atitude de fazer-se tudo para todos.

“Por esse tempo, chegou uma carta do Vigário geral Bochard ao pároco Rebod, que não se atreveu a mostrá-la a Champagnat.” Rebod havia percebido que tinha ocorrido discussão sobre a melhor maneira de proceder para suspender Champagnat de exercer seu ministério sacerdotal.

Ora, o Vigário geral Bochard não estaria contente a respeito do projeto de ensino de Champagnat por causa do seu choque com os próprios esforços nesta matéria. Mas, como veremos, havia outras questões pelas quais Champagnat havida sido denunciado.

Um trecho desta carta, provavelmente lido por Rebod a Champagnat, diz: *“Temos conhecimento das reuniões ilegais, e a coisa está indo tão longe que será proibida.”*¹³ *Tal perseguição levou Champagnat a rezar continuamente: “Meu Deus, se esta obra não for do vosso agrado, que deixe de existir.”*

As “reuniões ilegais” podem se tratar de grupos de pessoas da paróquia convocadas pelo vigário para separar e distribuir roupas e outros artigos para serem dados aos pobres. Estamos cientes disto através das Notas de Bourdin: *“A coleta próspera (objetos para os pobres) não foi vendida, mas doada. Os pobres foram alimentados, vestidos, e instruídos – e tudo isso sem nenhum pagamento. Os pobres eram procurados. O Pe. Champagnat chegou a dizer: “A carta do Pe. Bochard, longe de aborrecer-me, causa-me prazer”.*¹⁴

Evidentemente, uma história confusa de uma coleta pode ter sido uma das queixas levantadas contra Champagnat. Se isto fosse um exemplo da natureza das queixas contra ele, Champagnat não teria muito que temer da carta que, de acordo com Rebod, ameaçava a interdição de Champagnat das suas funções sacerdotais.

“Se se tratasse de garotas, seria matéria delicada. Fui caluniado perante o Vigário Geral.” Assim, em face da inconsistência das acusações contra ele, Champagnat sentiu-se em segurança. Se as reuniões fossem de garotas em vez de rapazes, ele teria sido repreendido, poderia parecer acusação mais séria. Poderia haver outra interpretação. *“Se ele soubesse que tínhamos garotas nessas reuniões, no conserto de roupas, no preparo de alimentos, no auxílio aos doentes, na distribuição de coisas àqueles necessitados, aí a situação poderia ter dado causa a maiores observações hostis contra mim”.*

¹³ O.M. Vol. I. p.241.

¹⁴ O.M. Vol. II p. 747

Finalmente, Champagnat teve a oportunidade de ler com cuidado a carta. *“Na leitura da missiva, senti-me mais forte do que nunca, com o impulso de prosseguir no trabalho começado. Era tempo de ir ter com o Pe. Bochard; mas, sendo tempo de Páscoa, não podia partir”*.

Agora, uma vez que Bochard foi encarregado de supervisionar as sociedades religiosas da arquidiocese, Champagnat percebeu que o tempo havia chegado de se encontrar com o Vigário Geral. Provavelmente, isto ocorreu em 1821, depois da abertura da escola de Saint Sauveur e antes de que Champagnat houvesse interrompido o ensino de latim em La Valla. As suas tentativas de ensinar latim, como veremos, trouxeram-lhe aborrecimento, esta vez da parte do Colégio Católico local de Saint Chamond, onde o latim constituía parte preciosa do currículo. Era a Universidade que controlava o ensino do latim; as autoridades do Centro pagavam contribuição à Universidade pelo privilégio de ensinar a língua clássica.

Mas outra importante carta chegou, endereçada desta vez diretamente a Champagnat. Vinha do Pe. Journoux, vigário em Saint Chamond e amigo de Champagnat desde o seminário. O Pe. Journoux escreveu: *“O Conselho da Caridade, que inclui leigos, que patrocina escolas e trabalhos de caridade, reuniu-se e decidiu que Vossa Reverendíssima poderia ser denunciado à Universidade; claro, não seria diretamente à Universidade, senão uma denúncia à arquidiocese. Por fineza, queime esta minha carta.”*¹⁵

O contexto dessa história teria que ver com a “Ordenança governamental de 29 de fevereiro de 1816, pela qual cada cantão da França estabeleceria uma comissão de voluntariado caritativo para supervisionar e encorajar a educação primária. A comissão de Saint Chamond, presidida pelo pároco Dervieux, compreendia o magistrado, o diretor Cathelin do Colégio e mais três ou quatro outros membros, entre os quais estava Poncet, pároco de Notre Dame. No encontro dessa comissão, decidiu-se que o procedimento de Champagnat seria denunciado, se não diretamente à Universidade, algo impensável pela predominância clerical dos membros que nutriam pouca estima por ela, mas à arquidiocese.”¹⁶ O ponto crucial da matéria era o ensino de latim por Champagnat.

Aconteceu, assim, que Journoux, colega de Champagnat no seminário e depois aspirante à Sociedade de Maria, era vigário na paróquia de Notre Dame, cujo múnus começou em primeiro de fevereiro de 1818. Esse amigo, conhecedor do acordado da comissão, tomou a si a tarefa de prevenir Champagnat em tempo; recomendou, pela via da prudência, que Cham-

¹⁵ O.M. Vol. II, p. 748

¹⁶ Ibidem

pagnat destruísse a carta que poderia comprometer Journoux. Obviamente, Journoux, posteriormente conselheiro de Champagnat, interveio “não para ameaçá-lo, senão para prepará-lo para o pior.”

“O Pe. Cathelin, superior do Colégio de Saint Chamond, acreditava que Champagnat queria arruinar o seu nascente Colégio.” É possível, assim, que Cathelin instigasse o ataque contra Champagnat. Tendo o monopólio do ensino do latim na área, Cathelin via Champagnat como possível rival.

“Na verdade, Champagnat havia ensinando latim a poucos; mesmo assim, desistiu do ensino.” Isto confirma a suspeita que o Inspetor, Isto confirma a suspeita que o Inspetor Guillard tinha de Champagnat em maio de 1820, quando visitou a região de Saint Genest-Malifaux. Champagnat deve ter ensinado latim pelo menos ao futuro Ir. Francisco Rivat. Quando o Inspetor encontrou Champagnat em La Valla em 1822, o seu informe estabelece: “A bem da verdade, ele não tem estudantes de latim”. Desse modo, cumpre supor que, após as queixas da comissão, o Pe. Champagnat desistiu do ensino do latim.

“A carta de Journoux alarmou-o. Ele reuniu os Irmãos, informando-os de uma partida iminente. O Ir. João Maria foi designado superior deles; (o Ir. João Batista coloca tal nomeação um pouco antes). “Dervieux, pároco da igreja São Pedro de Saint Chamond, e o Pe. Rebod conspiravam contra Champagnat. Seguindo os conselhos de Journoux e Derbiz, Champagnat escreveu a Courbon, primeiro Vigário Geral da arquidiocese”.

O Pe. Derbiz, citado aqui, era, na opinião de Journoux, coadjutor da igreja de Notre Dame em Saint Chamond. Mais tarde, em 1823, tornou-se pároco de Saint Martin-en-Coailleux, em cuja paróquia fica situada Notre Dame de l’Hermitage.

“Champagnat se valeria de um caso de consciência como pretexto para escrever ao Vigário Geral Courbon, porquanto parecia que a Providência estava indicando que talvez ele devesse retirar-se a Bugey.”

Não sabemos o que Champagnat pretendia fazer com os Irmãos em tal conjuntura. Quiçá eles permanecessem onde estavam, quiçá fossem à área de Bugey. Os dois Colin, sacerdotes irmãos, Joana Maria Chavoïn e Teresa Jotillon, as duas primeiras Irmãs Maristas, já estavam em Cerdon, perto de Bugey, às voltas com os passos iniciais do estabelecimento da Sociedade de Maria. Essa região de Bugey fica no sopé do monte Jura, nas proximidades da fronteira suíça, no extremo nordeste da vasta arquidiocese de Lyon.

Constituía questão delicada apelar ao Pe. Courbon, porque as comunidades religiosas estavam na alçada do Pe. Bochard, homem fácil de se

ofender. Por outra, Courbon era o sacerdote encarregado da distribuição dos titulares das paróquias. Assim, era legítimo que Champagnat se dirigisse a Courbon, já que era caso de consciência para todos aqueles que se comprometeram com o projeto marista, no escopo de fundar a Sociedade de Maria: deveriam ser colocados no melhor lugar possível, para que levassem avante os seus compromissos. Naturalmente, tal reivindicação levaria Courbon a declarar-se com responsabilidade no projeto marista. Igual tática já fora utilizada por Joana Maria Chavoïn, mas sem resultado.

“Por causa das queixas e da discórdia associada à sua fundação, Champagnat queria pôr a sua casa à venda; mas achava inconveniente ocupar-se com tal assunto no período pascal.” Parece claro que, para ir ao Vigário Geral com plena disponibilidade e desimpedido, Champagnat pretendia desfazer-se da casa.

“A resposta recebida de Courbon foi esta: “Escreva ao Pe. Bochard sobre isto”. Courbon fez o seu jogo, porque o seu conselho apontava o procedimento correto que cumpria adotar. Champagnat já havia escrito a Bochard e prometera visitá-lo para lhe dar explicações de viva voz. *Antes da sua viagem, ele foi*¹⁷ *ter com Dervieux, presidente da comissão, da qual provieram as recentes queixas contra Champagnat.*

“Ah, aqui estamos, preocupados com Vossa Reverendíssima”, exclamou Dervieux. Querendo colocar todas as cartas na mesa, Champagnat falou: “Vim para aquilo que lhe é conhecido”. Não se dando por achado, Dervieux interveio: “O confrade bem sabe que eu nada sei”.

“Dervieux foi consultado acerca da venda da casa. Não quis opinar sobre o tema, e continuou: “Não tenho conselho que dar sobre isto. Admira-me que Courbon não lhe tenha escrito acerca da casa”.

Assim, em face da franqueza de Champagnat, Dervieux acolheu-se à sombra de fingida reticência. Sem dúvida, contava com a arquidiocese para que fosse enviada intimação a Champagnat, pondo fim às suas atividades.

*“Uma vez mais em presença do primeiro Vigário Geral, Champagnat falou com simplicidade: “Padre Courbon, eis-me aqui de novo. Os meus negócios estão concertados. Faça de mim o que melhor lhe aprouver. Se eu deixar La Valla, a vila não será mais perturbada. Conceda-me cinco ou seis semanas para voltar ao seminário, a fim de revisar a minha teologia”.*¹⁸ A solicitação de algum tempo de estudo, obviamente, era o dese-

¹⁷ O.M. Vol. II, p. 749

¹⁸ Ibidem

jo de Champagnat, com que se preparasse para outro ramo do seu ministério sacerdotal, possivelmente no distrito de Bugey.

“Não posso mudá-lo”, declarou Courbon.”

“Não estou propriamente pedindo-lhe mudança; mas, se desejar, seria oportuno agora. Bem, se preferir, vou retornar a La Valla”.

A completa entrega nas mãos do primeiro Vigário Geral era a melhor forma de desarmar os preconceitos de Courbon. Havia sincero desapego nas palavras de Champagnat; mas era também a melhor abordagem para lograr algum resultado favorável ao jovem coadjutor. As palavras finais de Courbon indicavam o passo seguinte para Champagnat:

“Já se entrevistou com o Pe. Bochard”?

Assim chegou a hora do encontro com o formidável Vigário encarregado das congregações religiosas. *“Bochard observou a entrada de Champagnat e fê-lo sentar-se. O Ir. João Maria seguiu-o em condizente distância.”* “A presença do Diretor dos Irmãos poderia mostrar-se útil nesta ou naquela conjuntura da entrevista.”¹⁹ Bochard havia feito bem o seu trabalho. Claramente, parecia ter produzido um como mapa que apresentasse prova ocular às suas asserções.

“O confrade tem Irmãos aqui e acolá, e não nos informou”.

“Nesse tempo, os Irmãos haviam-se espalhado por diversas vilas, como La Valla, Marllhes, Saint Sauveur; assim, evidentemente, o encontro deve ser colocado na Páscoa de 1821. Naturalmente, Bochard tinha razão em afirmar que Champagnat devia ter informado a arquidiocese antes de proceder a novas fundações.”²⁰

“Isto é verdade”, respondeu; mas a timidez me impediu de vir. Em três ocasiões, preparei a viagem, para vir dar-lhe explicações, porém o acanhamento me tolheu os passos”. Depois deste pedaço de diálogo, seguiu-se uma explanação muito proveitosa, encerrada com a promessa de proteção de Bochard sobre o empreendimento de Champagnat.”²¹

Por certo os dois homens tiveram a sua primeira discussão da matéria. A afirmação de Champagnat de que, por três vezes, deferiu a entrevista é interessante. Deparamo-nos com essa mesma relutância em contestar com autoridade temas e pessoas, em diversas ocasiões da sua vida.

“Claramente, longe de terminar com condenações e ameaças, a entrevista acabou por harmonizar os dois homens. Provavelmente, com o desejo de que Cahmpagnat entrasse em sintonia com a sua visão da matéria,

¹⁹ O.M. Vol. II, p. 751

²⁰ O.M. Vol. II, p. 751

²¹ Ibidem

Bochard prometeu a Champagnat a sua proteção. Não foi a primeira ocasião em que Bochard usou tal tática com aspirantes maristas.”²²

“Bourg-Argental pediu Irmãos. O Ir. João Maria foi enviado. Nesse estágio, ele queria imitar são Luís Gonzaga na penitência. O Ir. Luís Audras foi designado mestre de noviços, em substituição de João Maria. Luís era mais instruído; mas, no começo, não tinha a influência nos noviços que havia mostrado João Maria.

Por essa ocasião o Pe. Rouchon e os seus noviços visitaram o grupo de Champagnat. Eles foram ver as dependências dos Maristas de La Valla. A sua elegância serviu apenas para aumentar a [“aversão de Champagnat quanto à fusão da sua obra com aquela do Pe. Rouchon.”]

Essa investigação provavelmente ocorreu em 1822, pouco depois da chegada dos oito postulantes a La Valla,. Nesse tempo, houve aumento de vocações, que proveio após as orações de Champagnat e as suas procissões à capela de Nossa Senhora da Piedade.

Como Champagnat estava comprometido em ampliar a casa de La Valla, o local deveria ter a aparência de desordem e pobreza, para desagradar os bem alimentados noviços do Pe. Rouchon.

“Nessa ocasião, em Bourg-Argental toda a paróquia veio admirar João Maria, embora a sua ocupação anterior tenha sido fabricar grandes pregos e cultivar campos. Ele estava em Bourg-Argental então, com três Irmãos. Na realidade, havia apenas três Irmãos, incluindo João Maria.”

“Em Bourg-Argental os Irmãos recebiam mobília e presentes. O Ir. João Maria distribuía as coisas como dádivas; ele até dava a sua roupa aos pobres. Essa prática não era proibida, até porque os Irmãos visitavam os doentes e os auxiliavam. Eis por que ele dispunha das coisas com a mesma liberalidade de antes. No raiar do dia ele estava na igreja.”

O Ir. João Maria tinha a idéia de ir ao mosteiro da Trapa. Ele informou o Pe. Champagnat. Aconselhado pelo seu diretor espiritual, João Maria saiu; mas foi prevenido acerca do efeito da sua desistência.”

“João Maria permaneceu na Trapa por um mês, depois do que retornou e pediu que fosse recebido de novo. O Pe. Champagnat disse-



A chegada de oito postulantes reclama a ampliação da casa de La Valla, 1822.

²² Ibidem

lbe: “ Com aflição eu o vi partir; recebo-o agora com prazer. Você acreditava que a Sociedade não era suficientemente santa para você. Você procurou todos os santos em qualquer outro lugar”.

Depois do episódio do encontro Champagnat-Bochard, pouco atrás mencionado, o pároco da Chavanay chegou com o sobrinho para pedir Irmãos a Champagnat. Este não queria fazer nada, sem antes ter falado disso a Bochard. “Nada sem Bochard” ficou sendo a sua divisa.²³

Belo exemplo da cooperação de Champagnat pode ser encontrado na abertura de Chavanay. “Agora, enquanto é verdade que Chavanay foi fundada somente em novembro de 1824, estava na lista de abertura de escolas muito antes naquele ano. Pode ser que o Pe. Gauché, de Chavanay, haja feito o seu pedido em 1822 ou 1823 e que Bochard, consultado, tenha diferido a autorização. Esta permissão de abertura da escola de Chavanay chegou a Champagnat somente quando Bochard estava despedindo-se da arquidiocese.”²⁴

“Desse modo, parece claro que houve certo período de compreensão e colaboração entre Bochard e Champagnat. Seria mais seguro colocar tal período no começo de 1822, quando o professor Grizard, em cujo grupo religioso Bochard, sem dúvida, já lançara o olhar, no sentido de que “formava noviços à maneira de La Valla”,²⁵ nas palavras do Inspector Guillard. O grupo de Grizard tinha o seu noviciado em Chartreux.

No começo de 1823, o Pe. Champagnat e o Ir. Estanislau quase perderam a vida perdidos em noite de nevasca. Eles atribuíram a sua salvação à intercessão de Maria.

“Foi igualmente em fins de 1822 e começo de 1823 que Bochard abertamente iniciou, com o professor Grizard, uma nova corporação de Irmãos, da qual ele era chamado o fundador. Esses Irmãos tomaram conta da escola de Feurs, deixada vaga pelos Irmãos de Courville, depois da dispersão, uma vez que os Irmãos Maristas de Courville deram em nada. Por esse tempo, provavelmente Bochard pensou que poderia em breve apossar-se do grupo de Champagnat, como fizera com o



O quase desastre. Champagnat e o Ir. Estanislau perdidos na nevasca, 1823.

²³ Ibidem

²⁴ Ibidem

²⁵ O.M. Vol. II, p. 752

de Grizard, atraindo-o para o seu projeto geral de fundações. Em tal conjuntura, a equivocação era impossível a Champagnat, porque de duas uma: ou consentiria em unir os seus Irmãos aos do Vigário Geral, ou deste deveria esperar franca hostilidade.”

“Por certo tempo, porém, tudo andou maravilhosamente bem. O retiro dos padres de 1823 transcorreu bem, sendo Champagnat carinhosamente recebido por Bochart. Foi aí que Bochart tentou unir os Irmãos de Champagnat aos seus. O fundador dos Irmãos Maristas de imediato procurou aconselhar-se tanto com o Vigário Geral Courbon quanto com o Pe. Gardette. Este último fora o Reitor do seminário nos dias de Champagnat. Gardette aconselhou que Champagnat contemporisasse tanto quanto possível.”²⁶

“Eu tinha a minha bagagem pronta para o que der e vier. Se eu fosse mudado e designado coadjutor de algum lugar, eu estaria preparado e expedito. Felizmente os Irmãos estavam muito apegados a mim e dispostos a fazer sacrifícios em função da minha movimentação. Eu estava reconhecido por isso”.

Colocados pelo Fundador na contingência de ter de deixar a povoação para segui-lo, os Irmãos declararam que estavam prontos para o sacrifício. Como veremos, porém, Champagnat foi salvo pelos eventos da história de mais distenso cenário.

“O negócio não foi além, porque Dom Gaston de Pins foi nomeado Administrador Apostólico de Lião no Natal. A nomeação de Dom Gaston de Pins ocorreu em 22 de dezembro de 1823; o anúncio público transcorreu no dia 27 de dezembro; assim, a informação atingiu a arquidiocese na oitava de Natal. De Pins chegou a Lyon em 18 de fevereiro de 1824.”²⁷

“Por ocasião da chegada de Dom Gaston de Pins, Champagnat escreveu duas cartas: uma para o Arcebispo de Pins e outra para o Pe. Gardette, ao qual se pediu que lidasse com ambas as cartas. A primeira estava redigida em termos gerais; a segunda entrava em detalhes particulares, provendo Gardette com informação tal que lhe fosse possível manter de Pins muito a par dos temas. “Se o confrade vir que a minha carta ao Arcebispo não merece a atenção de Sua Excelência, queime-a”, eram instruções de Champagnat a Gardette.

“Gardette fez exatamente assim. Gardette entregou ao Arcebispo a sua própria carta. Em uma das cartas, presumivelmente a primeira, dirigida ao Arcebispo, Champagnat prometeu renovar nas mãos do Arcebispo a solene promessa de obediência.

²⁶ O.M. Vol. II, p. 752 (nota 1)

²⁷ O.M. Vol. II, p. 752 (nota 1)

“O Arcebispo de Pins escreveu a Champagnat, talvez em 3 de março de 1824, insistindo em que Champagnat fosse “ter com ele”. No encontro, disse-lhe que “pretendia nomeá-lo pároco de La Valla; Champagnat recusa, por causa do seu projeto dos Irmãos professores, já porque não queria dar razão à difundida calúnia de que visava a suplantar o atual pároco Rebod.”²⁸

“O Pe. Barou, um dos novos Vigários Gerais, também recebeu Champagnat, oferecendo o seu anel para ser beijado e fazendo-lhe muitas perguntas. O Pe. Cholleton, amigo dos Maristas e antigo professor de Champagnat no seminário, esteve presente; sabendo algo do projeto, somou o seu apoio em favor do que Champagnat estava fazendo.

A recepção, portanto, aparece como havendo sido um encontro sério, em que se buscou a informação na presença de diversos membros do Conselho arquidiocesano. Esta sessão pode ter sido antes ou pouco depois do encontro de 3 de março, quando o projeto de Champagnat foi oficialmente encorajado.”²⁹

“No tempo do Pe. Bochard, Champagnat tinha pensado em levantar pequeno oratório, entregando-se por inteiro ao seu projeto. “Meu Deus, eu teria sido por demais feliz em tê-lo feito; mas o arcebispo fez ainda mais e quão feliz eu era”!

“Podemos compreender com isso que, no tempo do Pe. Bochard, Champagnat nunca sonhara em ter no seu trabalho tantas vantagens quantas lhe ofereceu o Arcebispo de Pins.”³⁰

Segue-se então a seguinte declaração de Champagnat: “O Pe. Seyve auxiliou-me no projeto.” Seyve era também aspirante marista”. Há certa informação fidedigna de que ele estava trabalhando na paróquia de La Valla em maio de 1824, tendo deixado a sua paróquia anterior em 20 de outubro de 1823.



Necessidade de alojamento mais amplo. Desenho do estágio inicial da construção de l'Hermitage, num esboço do Pe. Bourdin.

Pedidos foram feitos ao Arcebispo de Pins para comprar uma propriedade em l'Hermitage. Ele deu tal permissão. A localização, descrição dela e esboço das vantagens da posição para o trabalho dos Padres Maristas³¹ eram os pontos de discussão.

²⁸ O.M. Vol II, p. 753

²⁹ O.M. Vol II, p. 753 (nota 2)

³⁰ O.M. Vol. II, p. 753

³¹ O.M. Vol. II, p. 753 (nota 7)

Por outro documento³² sabemos que l'Hermitage havia sido pensado como lugar adequado para os trabalhos dos padres da Sociedade de Maria. Ademais, antes de a construção ter começado, numa entrevista de Champagnat e o Vigário Geral Barou, este observou: - *“Como anda o seu projeto para os padres”? - Infelizmente, todos dispersos.*”³³

Quanto a Courveille, nós o damos a Vossa Reverendíssima”. O quinhão de Courveille ficava junto ao riacho Gier. Cumpriria corrigir por Epercieux no lugar de Gier, porque a chegada de Courveille demoraria algum tempo. No dia 12 de maio Courveille foi autorizado a se unir a Champagnat. Oficialmente, o seu termo de encargo como sacerdote de Epercieux terminou em 30 de junho³⁴.

Então o Pe. Terraillon veio. Courveille, porém, foi o primeiro desses dois a chegar à cena de La Valla. Em conjunto com o Pe. Champagnat, comprou a propriedade de l'Hermitage.”³⁵ “A arquidiocese emprestou oito mil francos.” “Parece, contudo, que o empréstimo, na prática, virou doação. Pelo menos em um texto, o montante consta como sendo dez mil francos.”

“O edifício de l'Hermitage foi começando. Todos os Irmãos se transferiram a ele. A capela primitiva foi levantada no bosque. Todos os pedreiros assistiam à missa. Enquanto trabalhavam na construção, um dos operários caiu no rio. Evidentemente, escapou da queda são e salvo, se levamos em conta a Nota de Bourdin que, sobre o caso, menciona “uma missa de ação de graças”. Na biografia de Champagnat de João Batista, consta que o operário se agarrou a um galho de árvore que, cedendo, o jogou ao rio. A menção de missa de ação de graças, na observação de Bourdin, esclarece que no caso foi evitado algum sério acidente, de um modo ou de outro.”

“Na construção de l'Hermitage, durante certo tempo, a capela ora estava num canto ora em outro, com o cibório das santas hóstias. O ofício e outras orações eram recitadas aí.”

“Eu permaneci nove anos e meio como coadjutor de La Valla. A todo o instante, eu trabalhava no estabelecimento dos Irmãos, como em Marlhès, Saint Sauveur etc”. Contando La Valla, os estabelecimentos eram nove, antes da mudança para l'Hermitage.”

O pároco Rebod faleceu relativamente jovem.³⁶ “Para substituí-lo há necessidade de um homem como o confrade me descreveu a mim”. De fato, havia dois.

³² O.M. Vol. II, p. 753 (nota 8)

³³ O.M. Vol. II, p. 754

³⁴ O.M. Vol. I, p. 333

³⁵ O.M. Vol. II, p. 754

³⁶ O.M. Vol. IV. P. 255.

O padre Rebod morreu com quarenta e seis anos, em 1825. Com o conhecimento da paróquia de La Valla nos nove anos e meio em que foi coadjutor, Champagnat certamente conheceu que tipo de pároco se fazia mister para tal trabalho. As poucas palavras do diálogo antes citado parecem situar como seria a sucessão de Rebod, como explicitando que havia dois candidatos para o posto.

“O Pe. Courveille criou confusão em Saint Symphorien. Ele queria retirar os Irmãos. O Pe. Champagnat foi com um Irmão a Saint Symphorien.”³⁷ Com toda a probabilidade, o Pe. Bourdin errou o lugar. Parece claro que o lugar é Charlieu.

“Os Irmãos vestiam hábito azul. A recepção do hábito se realizou na casa; o pároco desceu para presidir ao ato. Mais tarde, a prática do uso do hábito azul foi descontínua. O Arcebispo de Pins havia pedido que Champagnat definisse um hábito certo para os Irmãos. Até a saída de Courveille isto implicava essencialmente o paletó azul.”³⁸,

*“Empenhei-me a fundo para que as coisas andassem bem; mas, depois de um ano, chegaram os aborrecimentos. Eu caí doente. O Pe. Courveille deixou l’Hermitage e o Pe. Terraillon escreveu-lhe, dizendo que não retornasse”.*³⁹

A doença de Champagnat era séria. Começou em dezembro de 1825. Courveille recolheu-se à Trapa; mas, depois de algumas semanas, mandou longa missiva a l’Hermitage, à cata de permissão para o seu retorno. Com autorização de Champagnat e de Colin, a carta de Terraillon aconselhou Courveille a permanecer na Trapa.

“Regras foram dadas aos Irmãos – registro dos votos, troca de hábito.”⁴⁰ O exame do texto dessas Regras demonstra que nem uma sequer foi escrita por Courveille; tampouco tais Regras portavam a marca do estilo característico dele.

O tema do voto de castidade foi digno de consideração. Um confessor, não o sacerdote da casa de l’Hermitage, foi consultado. Trata-se do Pe. Bedoin, novo pároco de La Valla. De fato, a profissão dos votos veio só mais tarde, em outubro de 1826.

“Houve certo jovem de mau procedimento. O crucifixo foi atirado aos seus pés. Ele foi despedido. A ação visava a que a influência fosse supressa das mentes dos jovens”. Parece que a falta era de domínio público e que o gesto melodramático de Champagnat constituía um esforço para remediar a situação, fazendo uma demonstração de repulsa no concenrente ao procedimento do culpado.

³⁷ O.M. Vol. IV. P. 91; Vol. I. Doc. 102

³⁸ O.M. Vol. I. Doc. 103.

³⁹ O.M. Vol. II, p. 755

⁴⁰ O.M. Vol. II, p. 754

“Alguns meses depois do seu retorno ao Instituto, João Maria Granjon começou a montar uma cela, em que pôs uma forja.”⁴¹ Quando, mais tarde, em agosto de 1826, “os Irmãos chegaram a l’Hermitage no período de férias e perguntaram onde estava o João Maria, foram proibidos de visitá-lo, para não importuná-lo.”

Por esse tempo, o procedimento de João Maria ficou muito estranho.

João Maria: “Padre, não quero mais ser professor”. Contestou Champagnat: “Bem, o ponto pelo qual tencionava falar-lhe você o atingiu. Pode ir a Saint Symphorien, a Charlieu”. Ele, porém, não queria ir. Assim, foi mandado embora, no ano de 1826.⁴²

É difícil pensar que o fundador despedisse o seu primeiro discípulo, como a frase anterior supõe. É mais provável que, depois de muito conselho e paciência da parte de Champagnat, João Maria tenha decidido sair por si mesmo. A própria frase de Champagnat no diálogo acima parece reportar-se a isto. Por esse tempo, Champagnat acreditava que a saída João Maria seria a melhor solução do problema.

“Regra, votos e mudança de hábito.” Outro documento coloca a mudança de hábito em 1827, depois da retirada do Pe. Courveille do cenário de l’Hermitage. Afinal, depois de dez anos de existência, só se podia esperar que os Irmãos fossem mais bem organizados nestas questões.

Neste ponto, a narração do Pe. Bourdin termina. É pena que o seu registro seja tão curto e tão incompleto; mas, pelo menos, podemos dizer que possuímos aqui um documento baseado nas palavras de Champagnat, documento que, no essencial, apóia a história relatada pelo Ir. João Batista Furet; mas Bourdin sabe prover-nos de material novo e com diferentes pontos de vista.

NARRATIVAS DE OUTROS CONTEMPORÂNEOS

Tendo completado o relato de Bourdin acerca dos primeiros dias da história dos Irmãos Maristas, chegamos agora às narrativas mais curtas sobre Champagnat e sobre os temas maristas, depoimentos provindos de quatro contem-



Nossa Senhora de l’Hermitage, vista recente.

⁴¹ O.M. Vol. II, p. 755

⁴² O.M. Vol. II, p. 755

porâneos seus, os padres Terraillon, Séon, Maîtrepierre e João Cláudio Colin. Depois de cada relato-depoimento constam os respectivos comentários; mas, afora umas poucas notas, as próprias narrativas não são interrompidas.

As poucas notas editoriais inserem-se entre parênteses; as mais longas são introduzidas pelo sinal ‘N.B’ Não se usam aspas para o texto da narrativa; mas, naturalmente, inserem-se para as palavras próprias das personagens. O sinal ‘...’ indica que as passagens que não têm uma relação com Champagnat foram omitidas.⁴³

Notas do Pe. Terraillon sobre as origens da Sociedade de Maria, no período 1840-1842.

“Origines Maristes”, Vol. II. Doc. 750 P. 664.

Linhas 100 e ss.

“Em outra esfera dos negócios da Sociedade de Maria, o Pe. Champagnat começou a formar alguns Irmãos Maristas em La Valla, onde era coadjutor. Como o seu trabalho ficou cada vez mais importante, ele comprou uma propriedade entre La Valla e Saint Chamond, onde construiu uma casa, que chamou l’Hermitage, a ermida. Foi aí que ele estabeleceu a Casa Mãe da sua pequena sociedade. Para auxiliá-lo as autoridades arquidiocesanas enviaram-lhe o pároco de Epercieux, Pe. Courveille, que se apressou em deixar a sua paróquia e socorrer Champagnat e, ao mesmo tempo, ocupou-se dos negócios dos padres. Ele chegou a colaborar com dinheiro na compra da propriedade e na construção de l’Hermitage. Nesse comenos, eu era capelão de Charité Montbrison. Solicitei licença dos meus superiores para ir a Belley e juntar-me aos padres Colin, o mais novo dos quais se tornara superior do seminário menor daquela cidade. Em vez de conseguir a permissão pedida, como resposta, recebi carta em que me enviavam a l’Hermitage, para unir-me aos padres Courveille e Champagnat. Fiel à resolução que havíamos tomado de mostrar sempre perfeita obediência aos nossos Superiores, sem demora parti ao meu destino. Nós ainda reconhecíamos o Pe. Courveille como o nosso superior provisório.

Pouco tempo depois da minha chegada, o dito Pe. Courveille teve a idéia de fazer retiro na Trapa de Aiguebelle. Depois de ficar aí diversos dias, escreveu a l’Hermitage, notificando a sua resignação do múnus de Superior, acrescentando a sua intenção de permanecer com os bons padres de Aiguebelle. Champagnat leu-me essa carta. O meu conselho era de que

⁴³ O.M. Vol. II, p. 747

se aceitasse a resignação. Champagnat era de opinião contrária, porque Courveille tinha posto dinheiro nos seus negócios. Ainda assim, insisti e para a minha insistência eu tinha graves razões. Champagnat persistiu. Deixamos o assunto por certo tempo. No dia seguinte, o mais novo dos irmãos Colin chegou a l'Hermitage. Champagnat falou antes com ele e o convenceu em adotar a sua opinião. Quanto a mim, não mudei, mantendo a primeira opinião. Eu lhes disse que estavam deixando passar uma grande oportunidade que, talvez, não mais voltaria e estou certo de que vão aborrecer-se de tê-la perdido. Courveille, nessa espaciotemporalidade, tinha fama de santo. Se, mais tarde, formos obrigados a pô-lo de parte, e isto poderia ocorrer, todo o ódio por isso cairia sobre nós. Valendo-nos dessa oportunidade, ele próprio se excluiria. Ele seria tomado como pessoa inconstante e nós teríamos escudo contra toda a crítica. Acreditem-me, aceitem esta renúncia. Com o tempo, terão motivo para aplaudir a própria decisão, estou certo disto. Eles ficaram impressionados pelas minhas palavras e assinaram a carta, aceitando a renúncia, carta que eu havia tomado o cuidado de preparar de antemão.

“No dia seguinte parti para Lião em companhia do Pe. Colin e postei uma carta, passando por Saint Chamond. Chegado a Lião, fui ter com o Pe. Barou, Vigário geral, e lhe contei o que havia ocorrido. Por essa boa nova, ele louvou a divina Providência, que nos havia salvado de grave embaraço, conhecido apenas de nós dois. Desse tempo



Pe. Courveille.

em diante, reconhecemos o Pe. Colin, o mais novo, como o nosso Superior provisório. As duas secções, de Belley e de Lião, continuaram a agir em unísono em todas as coisas e lugares. Por fim, a nossa aprovação definitiva chegou de Roma em 1836.

“Estivemos juntos em Belley para a eleição do Superior Geral, em 24 de setembro, festa de Nossa Senhora das Mercês. Aqui uma delicada situação veio perturbar-nos momentaneamente. O Bispo Devie manifestou o desejo de estar presente na eleição do Superior Geral. Para não ofender a Sua excelência, os padres concordaram com isso. Da minha parte, estive francamente contra, por duas razões principais. Primeiro, não devemos abrir este tipo de precedente que, mais tarde, pode embaraçar-nos e causar-nos divisões; em segundo lugar, temos tantos homens da arquidiocese de Lião quantos da diocese de Belley. Os nossos superiores diocesanos, que

um e outro nos protegem igualmente, poderiam ver o favoritismo com olhar de insatisfação. Cumpre nos libertemos da primeira impressão. Com o tempo, nós nos sentiremos felizes de ter agido com prudência nesse assunto. Eles compreenderam-me e acabaram por se darem vencidos e convencidos. Assim, estivemos sós na eleição. Colin, o jovem, foi eleito. Tudo andou muito bem e nós nos constituímos como Sociedade, o que pode ser visto nos arquivos da Casa Generalícia.”

Comentário

O relato de Terraillon é interessante naquilo que desvela do seu próprio caráter; evidentemente ele tem mais do que mero traço da sua importância; mais proeminente é aquilo que nos conta acerca da sua parte na rejeição inicial do Pe. Courveille pelos pressupostos Maristas. Terraillon realmente está reivindicando a responsabilidade pela remoção de alguém que, embora fosse o inspirador do movimento marista, estava ficando impopular com certos membros do grupo marista.

Segundo o relato de Terraillon, parece que nem Champagnat nem Colin estavam inicialmente a par da falta de Courveille. Em outras palavras, o lapso moral de Courveille não foi levado em consideração na sua aceitação da renúncia dele. Isto talvez se deva à relutância de Champagnat em se ver livre de Courveille, a quem ele devia dinheiro e a quem ele então considerava como líder.

Parece muito estranho, porém, que Champagnat não houvesse conhecido a falta, dado que ela dizia respeito a um dos seus postulantes. Por outra, há a possibilidade de que Champagnat não estivesse ciente do escândalo, por causa da sua doença que, no período da convalescença no presbitério do Pe. Dervieux, o manteve afastado da cena.

Terraillon parece haver levado a célula central do seu relato somente ao Vigário Geral; mas, inevitavelmente, a notícia da falta de Courveille transpirou, talvez da parte de alguns postulantes que conhecessem o assunto.

A vigorosa ação de Terraillon talvez constitua uma instância do emprego que Deus faz das pessoas para a obra posterior de um dos seus santos, a saber, Marcelino Champagnat. Certamente Champagnat teria achado muito duro cortar o relacionamento com Courveille; assim, a intervenção de Terraillon foi providencial.

Em Abril de 1846. O relato das origens maristas do Pe. Etienne Séon, como foi referido pelo Pe. Mayet.

“Origines Maristes”, vol. II, doc. 625, p. 438.

“Algumas notas sobre os começos da Sociedade de Maria na arquidiocese de Lião, escritas pelo Pe. Etienne Séon, sacerdote missionário na França.”

Linha 25 ss.

Depois disto, o Pe. Courveille estava em l’Hermitage com o Pe. Champagnat nos primeiros dias dos Irmãos Maristas. (N.B. De fato, Courveille foi a La Valla primeiro; l’Hermitage ainda estava em construção, quando ele foi enviado a auxiliar o Pe. Champagnat em La Valla. Ed.). O Pe. Terraillon também foi e passou um ano aí. Courveille, porém, estava particularmente preocupado com o tema da sua posição como superior. Ele começou a usar o paletó azul que os maristas um dia usaram; ele o portava inverno e verão. O seu modo de proceder, de certa forma, ia ficando ridículo, na Sociedade nascente. Champagnat estava no pleno encargo dos Irmãos. Courveille dizia: “É necessário, porém, saber quem é o Superior”. Foi proposto resolver a divergência por via eleitoral. Todos os sufrágios foram para Champagnat. Courveille, então, segundo o Pe. Séon, desejando ser Superior dos padres, disse: “Cumpra que designemos o Superior dos padres”. A proposta pareceu deslocada, porque havia apenas três padres; assim, a idéia caducou.

“Pouco depois, Courveille retirou-se à Trapa de Aiguebelle. Ele escreveu a esses padres que era tempo de estabelecer maiores laços e passar a reconhecer uma autoridade; e isto mediante o respeito para tal autoridade. Se eles o reconhecessem como Superior, poderiam ir buscá-lo no mosteiro. Esse seria o sinal pelo qual eles o considerariam o seu Superior. Esses padres ficaram muito felizes com esta carta. Ocorre que Courveille muito os embaraçava. Trocaram idéias entre si, consultaram autoridades eclesiásticas; como resultado, eles lhe replicaram que ele devia ficar onde estava.



Pe. Séon.

“O Pe. Terraillon, porém, enquanto ainda persistia em manter o seu vínculo com os Maristas, aceitou a posição de coadjutor de Ainay em Lyon; depois, a posição de pároco de Saint Martin de Fontaine; finalmente, virou pároco de Saint Chamond. Com isso Champagnat ficou sozinho, na diocese de Lyon, com o encargo dos Irmãos.

“Nesse tempo, o Pe. Séon estava seguindo o seu curso no seminário de Santo Irineu, em Lião. No fim do seu curso, por volta de 1825, solicitou ao Arcebispo de Pins a permissão de se fazer padre lazarista, o que lhe foi recusado. O sacerdote de Baudry, seu confessor, com desconhecimento de Séon, pediu autorização para que ele, Séon, fosse unir-se aos missionários de Char-treux. No seu turno, o Pe. Séon recusou ingressar numa congregação, em que nem cogitara. Finalmente, o Pe. Gardette, Superior do seminário maior de Lião, como diretor espiritual de Séon deu-lhe a conhecer o projeto da nova Sociedade de Maria e o convenceu a nela ingressar. Assim, Séon pôs-se por inteiro nas mãos de Gardette. Não tendo ainda atingido a idade própria para a ordenação sacerdotal, foi colocado no Colégio de Saint Chamond com o Pe. Brut. Nesse lugar, ele examinava a aventura de Champagnat, sem dar-lhe a conhecer as suas intenções. Por fim, algum tempo antes da orde-nação, ele procurou o Pe. Champagnat, abrindo-lhe a alma. O pobre Pe. Champagnat, vendo nele um precioso companheiro de trabalho, recebeu-o como anjo do céu, com imensa alegria. Depois da ordenação, Séon juntou-se a ele, compartilhando os cuidados da nascente comunidade dos Irmãos Maristas e se empenhou nas atividades do ministério das almas.

“Ainda assim, Champagnat estava todo entregue ao ramo da Socie-dade ao qual se havia dedicado. Vendo que Deus estava começando a abençoar os seus esforços, deu pouca atenção ao ramo dos padres e, por assim dizer, numa momentânea tentação, julgava perdida a causa deles. Em dezembro de 1828, Champagnat vai afirmar com vigor a subordina-ção da sociedade dos Irmãos Maristas a “obra de Maria”, como um todo. Certo dia, quando Séon estava falando com ele sobre as esperanças da Sociedade de Maria, Champagnat disse: “Meu caro amigo, não deve nem pensar acerca disso. Acredito que não haverá nenhum outro ramo da Socie-dade, afora aquele dos Irmãos. Os demais ramos não vão subsistir. Não cogite mais nisso. O confrade está muito bem aqui e o nosso trabalho dá glória a Deus. Isto deve ser suficiente para nós”. Ouvindo essas palavras, Séon parecia despertar de sonho e falou a Champagnat: “Neste caso, Pe. Champagnat, eu fui enganado. O que o senhor está fazendo aqui é ótimo, mas a minha preocupação é pertencer a uma sociedade de sacerdotes que se empenhem na evangelização. Assim, partirei amanhã para Lião; vou pedir permissão de deixar a arquidiocese para unir-me aos padres da dioce-se de Belley: Colin, Jallon e Déclat”. Champagnat naturalmente, ficou aflito, mas não pôde guardar o jovem sacerdote.

“Séon partiu no dia seguinte. Chegando a Lião, dirigiu-se, sem demo-rra, à residência do Pe. Cattet, Vigário Geral, e queixou-se de haver sido enga-nado. Disse que, nesse caso, pedia permissão de ir a Belley para reunir-se

aos sacerdotes de lá. Cattet, no primeiro momento, falou em termos vigorosos; mas acalmou-se, tomando tom mais suave com o visitante; disse-lhe que as autoridades arquidiocesanas tinham a intenção de favorecer o projeto. “Se a intenção é real, senhor Vigário Geral, porque não permitem ingressar nesse grupo”? interveio Séon. Contestou Cattet: “Meu caro amigo, é que ninguém nos pediu; não podemos mandar ninguém”. Da minha parte, disse Séon, o senhor enviou-me aí; mas, senhor Vigário Geral, se alguém pede, o senhor atende”? A a isso o Vigário Geral respondeu pela afirmativa.

“O Pe. Séon foi ao seminário, onde residiam diversos dos seus amigos, cuja intenção ele conhecia. Falou aos padres Rousselon, Sarrasin e Journoux e retornou a Cattet, dizendo-lhe que os três pediam permissão para ingressar. Cattet foi colhido pela afoiteza: “É quase impossível; temos necessidade de sacerdotes. Rousselon é designado Diretor de Mimins; Sarrasin, a ponto de ser ordenado, já tem o seu lugar; Journoux também tem destino certo. Se puder, procure alguém que seja apenas diácono e nós o autorizaremos”. Séon não se afligiu. Foi ao seminário maior encontrar-se com Bourdin, então diácono, que lhe respondeu: “O confrade é um anjo que Deus me enviou. A minha intenção e o meu pensamento estavam apontados nesta direção; mas eu já estava para esquecer o projeto. Agora é o momento decisivo para mim. Fico devendo-lhe a vocação”. Séon deu a conhecer a Cattet este caso; Cattet prometeu que tomaria as medidas no Conselho Episcopal para que Bourdin seguisse o seu caminho.

“O Pe. Séon, desse modo, saiu reasssegurado no atinente ao futuro da Sociedade e feliz com o resultado da sua missão. Ainda assim, chegado a l’Hermitage, deparou-se com Champagnat menos entusiasmado do que antes e espantado com o fato de que alguém lhe trouxesse uma vocação sem a sua própria cooperação no assunto. “O senhor conhece bem este candidato”? perguntou Champagnat. Séon ficou ainda mais desapontado, imaginando que Champagnat recusaria Bourdin. Foi necessário que todos os passos anteriores desta pobre Sociedade de Maria fossem feitos em meio de espinhos; atravessando essas dificuldades, os próprios membros deveriam dedicar-se aos seus confrades. Foi a Providência divina. Deus reivindicou para si a glória de tudo haver feito.

Depois disso, o Pe. Bourdin chegou a l’Hermitage em tempo; depois veio Pompallier; depois Chanut; depois Forest...

“O bom do Pe. Séon possuía admirável dedicação à Sociedade e o provou especialmente em duas ocasiões. Ele pressionou o Pe. Terraillon a participar da Sociedade e a que deixasse tudo o mais e se unisse a eles. Ele demoliu todas as razões e pretextos que Terraillon apresentava. Por fim, este lhe disse que tinha um irmão doente e que estava obrigado a assisti-

lo. Séon disse-lhe: “Prometo dar ao seu irmão, durante o resto da sua vida, a pensão de cem escudos”. O pai de Séon ainda vivia. O Pe. Séon, embora não se beneficiasse do dinheiro paterno, sabia que o pai não lhe recusaria nada. Ainda assim, Terrailon adia a decisão.

“A casa dos Irmãos Maristas em l’Hermitage estava, em parte, em nome de Courveille. Era espinhoso problema para Champagnat resolver, já que importava ganhar a boa vontade de Courveille para o plano. O Pe. Séon tomou a si o encargo desta delicada missão. Foi ter com Courveille; demonstrou-lhe muita estima e afeição e conseguiu o seu assentimento para comparecer em determinado dia no tabelionato, onde estaria Champagnat, a fim de que formalizassem o contrato. Foi o último contato que a Sociedade teve com Courveille.

“Quando o Pe. Pompallier solicitou licença para ingressar na Sociedade, o Vigário Geral disse ao Pe. Séon que ele não podia atendê-lo de imediato, mas que, havendo falta de sacerdotes, Pompallier devia preencher certa função por algum tempo. O Pe. Séon replicou sem pestanejar: “Senhor Vigário Geral, se me julgar capaz de exercer tal função vacante, dê-me o posto em que iria colocar Pompallier e libere-o para ingressar nas nossas fileiras. Creio que, com a ajuda de Deus, hei de manter-me firme na minha vocação. Por outra, temo que algum jovem seminarista possa mudar a determinação dele. Tão logo Vossa Reverendíssima possa substituir-me, retornarei aos meus confrades da Sociedade”. A proposta foi aceita: foi assim, dizia Séon, rindo, que eu comprei o Pe. Pompallier, exercendo a função de coadjutor de Charlieu por catorze meses.

“Séon retornou a l’Hermitage. Aí estava em freqüente contato com os padres de Belley, especialmente com o Pe. Colin, o moço. “O olhar de todos nós estava sobre ele, dizia o Pe. Séon, e o considerávamos como Superior da Sociedade, aquele que um dia teria a função de dirigir-nos”. Era o jovem Colin o que mais trabalhava pela Sociedade. Nós bem sabíamos que ele tomara certo compromisso com Deus acerca desse trabalho. Por fim, sabíamos que era ele, entre nós todos, o de melhor visão.

“Ainda assim, tínhamos dificuldade em manter a nossa mútua conexão. A administração de Lião via com algum sobressalto o fato de que viajávamos a Belley; e a coisa ficava pouco confortável, quando o Pe. Colin ia a Lião. Por essas razões e para agir sempre em espírito de submissão para com a autoridade episcopal, pedíamos permissão das autoridades arquidiocesanas, quando nos dirigíamos a Belley. Além disso, trocávamos correspondência muito freqüentemente. Nesse tempo, a Sociedade tinha muitas provações por parte das pessoas que dirigiam a arquidiocese de Lião; mas sofríamos menos dos membros do clero do que na diocese de Belley.

“Quando Champagnat estava construindo em l’Hermitage, o Pe. de la Croix, então pároco de Chartreux, hoje Arcebispo de Auch, enviou esta mensagem para Champagnat: “Diga a Champagnat que ele está construindo em vão”. Na arquidiocese zombavam muito dele.

“Gardette, Superior do seminário maior de Lião, também nos exortava com insistência a pensar somente nos negócios da diocese, dizendo que devíamos deixar-nos guiar pela autoridade diocesana e que era imaginação vã a pretensão de estabelecer-nos mundo afora.

“Em l’Hermitage vivíamos inteiramente misturados com os Irmãos. Seguíamos regra de vida muito severa; o nosso capítulo das culpas era rigoroso; depois da declaração das faltas de cada qual, todos podiam complementar a acusação com tudo o que houvessem notado. Pompallier, que as autoridades haviam nomeado diretor espiritual, dava orientações austeras. Aí pensamos que era necessário separar os sacerdotes dos Irmãos. Champagnat a isso se opunha enfaticamente; submetido o tema ao escrutínio, a maioria dos votos eram contra a opinião dele. Assim, os padres foram estabelecer-se na casa do Pe. Rouchon, pároco de Valbenoîte, que havia oferecido a sua casa à Sociedade, com a condição de que a Sociedade o provesse sempre de coadjutores. Dois dos nossos, assim, exerciam tal função. Os demais iam pregar missões nas paróquias.

“Além disso, julgávamos que se devia designar um Superior para esta nova comunidade de Valbenoîte. Solicitamos licença à arquidiocese. Rezamos. O Pe. Séon foi eleito. Aqueles que pertenciam à diocese de Belley não podiam ser eleitos, porque, ao olhar da administração, eles estavam inteiramente separados. Ademais, cada bispo tinha sob a sua mão e autoridade os seus sacerdotes, visando a ligar a projetada Sociedade ao seu báculo. Cattet, Vigário Geral de Lião, veio instalar o novo Superior, o que se fez com solenidade.

Então Pe. Séon, com permissão da autoridade eclesiástica, foi visitar o Pe. Colin em Belley, acompanhado pelo Pe. Champagnat. Eles relataram a Colin o que havia sido feito; falaram acerca das suas Regras, do seu modo de vida e pediram o seu conselho. Colin ficou espantado de tantas Regras. Disse-lhes: “Estão começando por onde devem acabar”. Ele tudo adaptou à maneira de fazer as coisas em Belley; disse-lhes que ele tinha apenas uma curta agenda, com algumas notas que serviriam para guiá-los e apontou que não era necessário ir mais rapidamente do que a Providência, mas seguir singelamente tal esquema.

“O Pe. Séon maravilhou-se com a sabedoria desse conselho. Voltou a Valbenoîte e falou aos seus padres que o melhor era desconsiderar o enorme pacote de Regras que haviam montado e ficar no aguardo do momento da Providência no atinente às Regras e, no meio tempo, viver juntos

como bons sacerdotes, levando à prática o espírito religioso na melhor forma possível.

“Ainda assim, Pompallier acreditava que tudo iria perecer. Ele falou apenas da Regra; via apenas a Regra. Sobre este tema ele escreveu às autoridades arquidiocesanas, que julgaram inconveniente interferir. Ainda assim, o Vigário Geral chamou-o a Lião e confiou-lhe um grupo de jovens que queriam ser orientados espiritualmente por sacerdote marista. Constavam no grupo os senhores Colard, Delaunay, Dominget, Viennot, Arnaud, Girard e Gabet. Pompallier, desse modo, foi a Lião e tornou-se capelão do internato dos senhores Colard e Delaunay, depois se transferiu a La Favorite. Aí, com liberdade para o seu zelo, Pompallier, uma vez mais, pôde montar um complexo de regras, desta vez, porém, para o seu grupo particular.

“O Pe. Colin foi a Roma. A Santa Sé confiou aos padres maristas a evangelização da Oceania ocidental. A aprovação não tardou. Sagrado bispo, Pompallier foi nomeado Vigário Apostólico das terras que seriam missionadas. O resto é conhecido. Todos esses fatos me foram relatados pelo Pe. Séon. Por esta história importa que completemos a história referida pelo Pe. Déclas. Assim, por meio dessas notas, chegaríamos um pouco mais perto da narração do desenvolvimento da Sociedade na arquidiocese de Lião antes da aprovação da Sociedade, ocorrida em 1836.

“As pessoas poderiam ficar impressionadas pelo fato de eu referir tudo o que me foi contado. Eis aqui as minhas razões. Nada inventei; simplesmente relatei; se a história da Sociedade não foi traçada nas linhas das demais congregações, como estou no fim dos meus limites, não posso ser de auxílio para tanto. Devemos falar a verdade. Toda a glória deste trabalho reverte somente para Deus. Muito importa que as pessoas saibam que, de todos os primeiros membros da Sociedade, o Pe. Colin é o que tem sido sempre o mais firme, aquele que nunca vacilou.

“Assim, de todas essas histórias vejo emergir que a Sociedade vem de Deus, é trabalho de Deus; emerge, ainda, que o instrumento de que Deus se serviu foi o Pe. Colin.”

Comentário

Do relato do Pe. Séon fica evidente que a sua determinação e persistência foram instrumentos que trouxeram Champagnat de volta à crença no futuro da Sociedade dos Padres Maristas. Depois da defecção de Courveille e da deserção de Terraillon, Champagnat estava fisicamente fraco e desencorajado espiritualmente pela quebra da comunidade dos primeiros padres maristas da arquidiocese de Lião. O borbulhante entusiasmo de Séon e a sua firme determinação levaram o jovem sacerdote ao seu Vigá-

rio Geral e, conseqüentemente, canalizar recrutas para o trabalho de capelania em l'Hermitage. Fértil campo de candidatos para os Maristas foi encontrado no seminário; muitos jovens sacerdotes vieram como voluntários a l'Hermitage para a instrução dos Irmãos e para os retiros e outros trabalhos apostólicos nas paróquias convizinhas.

Parece que Deus tornou a servir-se do Pe. Séon como humano instrumento que fizesse avançar a Sociedade de Maria: graças às vigorosas palavras de Séon dirigidas a Champagnat, este despertou uma segunda vez para a luta em prol do ramo sacerdotal da Sociedade de Maria e de tal maneira que, pouco depois, em 1828, estava ele escrevendo que, pelo ramo dos padres, estava disposto a tudo sacrificar. A fonte de vocações, aberta por Séon, isto é, o seminário maior, tornou-se manancial de bem nutrido fluxo de aspirantes maristas. Quando em 1836 os maristas receberam aprovação papal, havia certo equilíbrio de vocações nas duas dioceses de Lião e Belley. O Pe. Champagnat, designado Superior dos projetados maristas da arquidiocese de Lião, auxiliou na formação desses jovens sacerdotes, sobretudo em l'Hermitage.



Pe. Maîtrepierre.

**Em Maio-outubro de 1853. História das origens maristas,
pelo Pe. Maîtrepierre S. M.
A refundação dos Irmãos Maristas,**

“Origines Maristes”, Vol. II Doc. 752 p 697 ff.

P. 717. Os Pequenos Irmãos de Maria

“A idéia da sua fundação foi concebida no seminário maior de Lião, no mesmo tempo daquela da Sociedade. O Pe. Champagnat, unindo-se aos fundadores originais, disse-lhes: “Sempre tive no espírito atração especial pela fundação de Irmãos. Uno-me de muito boa mente com os senhores; se me aprovam, eu cuidarei deste setor”. Ele foi encarregado disso. Ponderou ele: “A minha educação foi deficiente; vou sentir-me feliz em contribuir para prover os outros com os benefícios de que fui privado”. Trabalhou neste projeto com incansável zelo até a sua edificante morte, em seis de junho de 1840, às quatro e meia, enquanto os seus piedosos Irmãos estavam cantando a Salve Regina na capela, prática que, durante quinze ou vinte anos, ele lhes prescrevera para a mesma hora cada dia.

“A história dos começos desta fundação é muito interessante e edificante. A pobreza e a simplicidade constituíram as coisas ordinárias do seu mundo. As suas tribulações e aflições geralmente têm sido bem ocultadas; mas elas não eram poucas nem menos penosas por isso tudo. O Fundador nada temia. Nos primeiros ataques feitos pelo próprio Vigário Geral, que também fundara obra similar, Champagnat disse: “Até aqui eu não estava certo de que estivesse trabalhando segundo os desígnios de Deus; os ataques que tenho recebido começam a dar-me esperança.”⁴⁴

“No princípio ele recebia com grande facilidade cegos e coxos, surdos, pessoas desfiguradas, instruídos ou ignorantes, educados ou grosseiros; com esses tipos fundava estabelecimentos. Dizia ele: “Nas minhas necessidades, eu me valho do que tenho à mão. Quando necessito de superior, de diretor ou professor, se não encontro com dois olhos, chamo o cego. Quando não encontro alguém que caminhe direito, contento-me com o coxo e digo: Se a Virgem bendita quer que esta obra vá para frente, ela certamente vai cooperar, porque ela vê muito bem que, de outra forma, a empresa não pode prosperar”.

“A sua linguagem comportava certa característica de originalidade. Por exemplo, alguns meses antes da sua morte, eu tive a consolação de passar uma semana com ele.”⁴⁵ Certo dia, o Ir. João Maria, seu tesoureiro, trouxe-lhe uma carta. Ele a leu durante a conversa comigo. De súbito, ele disse: “Olhe, Ir. João Maria, isto é o seu papel. O Pe. X nos oferece um jovem. É muita gentileza da parte dele, mas nada lhe custa. Mesmo assim, se ele tiver algum candidato, vá ter com ele. Nós lhe daremos trabalho; mas o jovem tem apenas quinze anos. Isto representa para você alimento e bom dinheiro”. Então se afastou e nos deixou.

“Durante o retiro geral do seminário menor de Meximiex em 1837, deu-nos Champagnat um exemplo de desapego que muito nos edificou. Até então, por força das circunstâncias, ele havia trabalhado no seu projeto de maneira algo independente. Julgou-se adequado pedir-lhe que renunciasse à sua posição de Superior dos Irmãos. Todo o mundo sabe como os fundadores e antigos Superiores se apegam ao seu trabalho e se empenham em dirigi-lo de acordo com o seu ponto de vista. Logo que Champagnat compreendeu o que se lhe pedia com toda a devida discricção, replicou ele: “Sim, por certo, vou dar a minha demissão e devo fazê-lo. A única coisa que me importuna é que tiveram o trabalho de me pedir isto. Eu tive a

⁴⁴ O.M. Vol. II, p. 747

⁴⁵ Cf. no início, notas do tradutor com relação aos sinais.

graça de estado para começar; não tenho a graça de estado para continuar”. E deu a sua demissão por escrito. O Padre Geral apressou-se em renomeá-lo. A sua dependência tornou-se, em consequência, mais regular, mais efetiva e mais frutuosa para si e para a sua congregação.

Constitui tarefa dos Pequenos Irmãos de Maria produzir a sua história. Eu sei que eles estão coletando notas interessantes que hão de publicar no devido tempo.”

Comentário

A história do Pe. Maîtrepierre é comentário sobre os primeiros estágios do ramo dos Irmãos da Sociedade de Maria. Nele constam interessantes vinhetas de Champagnat, algumas cenas em que nos damos conta de aspectos do caráter de Champagnat, aspectos com frescor de novos e quiçá surpreendentes.

O que nos impressiona é a humildade de Champagnat no atinente à sua falta de educação inicial, as suas palavras francas e pinturescas no concernente ao jovem aspirante, a franqueza das suas palavras de renúncia, a dureza da sua determinação, quando se confronta com a oposição, e a sua atitude para com Maria, caso em que ele se sente em casa com ela, ousando falar-lhe de modo desafiador, à beira do modo exprobratório. Vemos também a admiração do visitante pela aceitação paciente da morte próxima por parte de Champagnat.

Em 1869-1870 Memórias da origem da Sociedade de Maria e diversas afirmações do Pe. Colin, registrada pelo Pe. Jeantin.

“Origines Maristes”, Vol. III Doc. 819 p 215 ff.

Linha 69 e ss.

“O padre Courveille e os seus companheiros, encerrado o seu curso de teologia em fins de 1816, foram ordenados sacerdotes e enviados para diversos pontos da arquidiocese de Lião, para servir como coadjutores de diferentes paróquias. Courveille foi enviado a Rive-de-Gier; tornou-se pároco de Epercieux, perto de Feurs em Le Forêt, Departamento de Loire, onde permaneceu até 1824, ano em que se uniu a Champagnat, que estava comprometido na fundação da comunidade de Irmãos Maristas ensi- nantes em La Valla.



Pe. Colin,
Superior Geral.

“O Pe. Colin foi enviado a ser coadjutor em Cerdon, onde o seu irmão mais velho era pároco. Esta designação perturbou a sua consciência, porque acreditava que a afeição natural que o unia ao excelente irmão se tornaria obstáculo para a sua vocação religiosa. O Pe. Cholleton, consultado sobre essa dificuldade, disse ao jovem coadjutor: “Vá, o seu irmão será o seu primeiro companheiro na religião.”

“Mais tarde, o bom padre compreendeu as vias da Divina Providência. Se houvesse sido coadjutor em qualquer outro lugar, ele não teria tido suficiente liberdade para trabalhar pela realização do seu projeto, especialmente por causa das viagens e das inevitáveis ausências.

“A mesma delicadeza de consciência havia-se manifestado em Saint Jodard, no período do recrutamento militar. Quando o Pe. Gardette, que então era Superior do seminário menor, quis inscrever o jovem Colin no número dos estudantes reivindicados pela Igreja, ele no começo se recusou. O superior, estranhando a recusa, perguntou-lhe qual era a razão disto. Respondeu o jovem estudante: “Temo que a reivindicação poderia influenciar a minha vocação ao sacerdócio”. O bondoso superior pôde dizer-lhe: “Tenha calma; você terá sempre a liberdade de sair quando quiser.

“Retornemos, porém, aos nossos jovens sacerdotes. Como estavam dispersos, alguns na arquidiocese de Lião, outros nas paróquias que, em 1823, vieram a pertencer à diocese de Belley, tornou-se necessário constituir a Sociedade de Maria em duas dioceses. Em todo o tempo decorrido depois da saída do seminário, o Pe. Courveille nada fez em prol da realização do seu projeto; os seus jovens companheiros, sedeados na mesma diocese, separados um do outro, logo esqueceram a promessa de contribuir para a dita Sociedade, como se já não fosse do seu interesse.

“Não obstante, Champagnat, coadjutor em La Valla, havia-se devotado à fundação do Instituto dos Irmãos Maristas. A idéia do seu Instituto era da sua inteira pertença. Foi ele que, influenciado pela dificuldade que tinha experimentado na sua educação, dissera aos companheiros: “Vai ser necessário também que tenhamos Irmãos para o ensino e a educação”.

“Courveille deixou a sua paróquia de Epercieux e reuniu-se a Champagnat em La Valla em julho de 1824. Embora nada houvesse feito pelos Irmãos e, até então, nunca houvessem ouvido falar dele, ele tomou o título de Fundador e Superior Geral dos Irmãos e dos Padres. Ele foi assim designado num prospecto do Instituto dos Irmãos que foi impresso em agosto de 1824, ficando Champagnat com o título de Diretor. Courveille gostava de reivindicar que fora o primeiro que tivera o pensamento de fundar a Sociedade de Maria. Foi com este rótulo ou fundamento que se adonou da prerrogativa de Superior Geral dos Irmãos. Revestido de larga e longa

capa azul, tomou os ares de abade do mosteiro e se mostrava como tal onde quer que fosse.

“Apresentou certa Regra que, dizia, ele próprio havia composto; mas a tal Regra não se adequava aos Irmãos, que continuaram seguindo o regulamento da casa. Nada sobrou dessa Regra, que era apenas um conjunto de pura teoria.

“Champagnat que, de começo, tinha alta opinião de Courveille e baixa opinião de si próprio, não fez a menor dificuldade, permitindo que Courveille tomasse o título de Superior Geral e aconselhou os Irmãos a considerá-lo como tal.

Os Irmãos aceitaram Courveille em princípio, mas na prática continuaram recorrendo a Champagnat, tanto nas questões espirituais quanto nas materiais. Ocultando o incômodo que estava experimentando, Courveille empenhou-se em ganhar a confiança dos Irmãos; acreditando que obtivera resultado nisto, concebeu a idéia de ser designado para a direção dos Irmãos, como múnus especial, exclusivo e acima de qualquer outro.

“Assim, promoveu eleições; mas todos sufragaram Champagnat. Profundamente mortificado pela preferência dada a Champagnat, Courveille tornou-se descontente. Punha objeções em tudo e tudo criticava e levava as suas queixas às autoridades arquidiocesanas.

“Na enfermidade de Champagnat, a gestão de Courveille, porque severa, pesada e desprovida de compreensão, enfraqueceu o moral de todos os Irmãos. Ninguém podia tolerá-lo. Foi por esse tempo que se comprometeu com certo postulante e, para pôr a consciência em ordem, foi acolher-se à Trapa de Aiguebelle, em abril de 1826.

“Ainda assim, longe de perceber o abismo a que o seu orgulho o precipitara e persistindo na sua louca intenção de tudo regular, escreveu uma carta em que se queixa de que não se lhe prestaram as honras a que fazia jus e protestou que voltaria a l’Hermitage, onde os Irmãos tinham a Casa Mãe, mas retornaria somente depois que lhe formalizassem a promessa de que, no futuro, haveriam de lhe atribuir toda a autoridade, tratando-o como o Superior.

“Nesse período, o conhecimento da falta de Courveille havia-se difundido fora de l’Hermitage. Por sugestão do Arcebispo, Champagnat e Terrailon lhe escreveram. Aconselharam Courveille a que, se achasse o lugar condizente, que permanecesse em Aiguebelle. Declararam-lhe que, em qualquer hipótese, nunca mais pensasse em voltar a l’Hermitage.

“Courveille não permaneceu em Aiguebelle. Recebido o termo de saída, ele foi viver em Saint Clair, perto de Roches de Condrieu, no Departamento de Isère; aí serviu como capelão de algumas Irmãs. Ele as convenceu a

*comprar a abadia de Santo Antônio, próxima à cidade de Saint Marcel-
lin; com a anuência do Bispo Bruillard de Grenoble, Courveille estabele-
ceu as Irmãs aí; fundou também um noviciado de Irmãos. O seu trabalho,
porém, não logrou nenhum êxito. Em menos de dois anos, o punhado de
candidatos que ele reunira dispersou-se. As Irmãs foram vítimas das despe-
sas da fundação. (N.B. As Irmãs permaneceram na antiga abadia de Santo
Antônio até as Leis do governo francês de 1903 – nota do autor)*

*“Tempos depois, soube-se que ele era religioso beneditino em Solesmes,
onde morreu, dois anos depois.*

*“Courveille era fraco da cabeça. Gabou-se de ter visões e falou de
aparições de Nossa Senhora. Segundo Colin, Courveille teria falado apenas
de comunicações celestiais e revelações, e não de visões e aparições. O Pe.
Jeantin não relatou com exatidão o pensamento de Colin. Isto é conheci-
do por todos aqueles que se associaram a Courveille. Ele foi sempre piedoso
e tinha grande devoção a Maria Santíssima. Colin assevera que no
seminário maior Courveille agradava a Deus e recebia graças extraor-
dinárias. Palavras de Colin: “Certo dia, entrou em raptó místico aos pés
do seu confessor; foi necessário levá-lo embora”.*

*“O Pe. Terraillon chegou a l’Hermitage em outubro de 1825 e saiu
em outubro de 1826, com o pretexto de pregar o Jubileu; na realidade, não
se sentia bem com os Irmãos. Na Páscoa de 1827, foi designado pároco de
Saint Martin de Fontaines, no cantão de Neuville, onde permaneceu apenas
seis meses. Vegando a paróquia de Notre Dame de Saint Chamond, Cham-
pagnat, na esperança de ter Terraillon de volta ou, pelo menos, não distan-
te, rogou com muito empenho ao Arcebispo que nomeasse Terraillon para
Notre Dame, o que se fez. O Pe. Séon, professor no Colégio de Saint Chamond,
chegou a l’Hermitage em abril de 1827.*

*“Bourdin chegou a l’Hermitage em 1828, como diácono. O Pe. Pompal-
lier chegou alguns meses depois.*

*“Em 1829, houve o plano de nova casa para os projetados sacerdotes
maristas. O Pe. Thérél, pároco de Charlieu, ofereceu, para tal proposta, a
vasta abadia dos beneditinos que está nessa cidade. O Pe. Séon foi tomar
posse dela e passou um ano aí; mas a Revolução de 1830 e a morte do páro-
co fizeram gorar o projeto.*

*“Champagnat ofereceu então a propriedade La Grange-Payre para
acomodar nela os padres; mas, quando o Pe. Rouchon, pároco de Valbe-
noîte, ofereceu a sua casa, antigo mosteiro de beneditinas, a sua propos-
ta foi aceita.*

“O Pe. Chanut entrou em 1830.

“Os padres Servant e Forest, em 1831.

“Eis os começos da Sociedade de Maria na arquidiocese de Lião. Neste relato, vemos confrades que estão procurando unir-se, mas não nos deparamos com diligências propriamente ditas, seja perante a administração arquidiocesana, seja, mais particularmente, perante a Santa Sé, com o escopo de estabelecer canonicamente uma sociedade religiosa. Apenas uma pessoa trabalhou com ardor e êxito: o padre Champagnat. Fundou e desenvolveu a obra dos Irmãos Maristas ensinantes. Para a Sociedade dos sacerdotes, houve, repito, algumas tentativas, muitas vezes esforços infrutíferos, mesclados a escândalos, como vimos; mas faltou o competente trato junto às autoridades eclesiásticas.”

Comentário

O relato do Pe. Jeantin, fundado em entrevistas do Pe. Colin, que na época tinha quase oitenta anos, parece fortemente preconceituoso acerca Courveille; este, no período anterior à sua chegada a l’Hermitage, fez realmente esforços para estabelecer o ramo da Ordem Terceira, e preparou alguns Irmãos para o ensino e, com mais sucesso, recrutar moças para o ramo das Irmãs. É interessante notar que Jeantin omite qualquer menção da parte de Colin sobre a retirada ou exclusão de Courveille da Sociedade de Maria.

Há também omissões menores e erros que mostram que Jeantin ou Colin não estão bem a par de todos os aspectos da história relatada aqui. Cumpre ter em mente que estas notas foram tomadas muitos decênios depois dos eventos a que se reportam; ademais, Colin octogenário poderia ter tido lapsos de memória.

A humildade de Champagnat, uma vez mais, fica firmemente asseverada, como também a sua energia e zelo em prol do desenvolvimento do ramo dos Padres Maristas. A frase final *mas não houve diligências junto às autoridades eclesiásticas* mostra esquecimento dos passos positivos dados a respeito do ramo sacerdotal da Sociedade de Maria: haja vista os estabelecimentos de l’Hermitage e Valbenoîte, o reconhecimento pela arquidiocese da existência dos Padres Maristas e a lista de chamada de nove sacerdotes e Pompallier, entre os vinte e um que chegaram a Belley para o começo oficial da Sociedade de Maria, ramo dos sacerdotes.

Outro ponto de omissão é que foi por meio da influência e trabalho do Pe. Champagnat que as autoridades da arquidiocese reconheceram a Sociedade de Maria, ramo sacerdotal, no âmbito arquidiocesano; foi ele o apontado líder arquidiocesano pelo voto dos sacerdotes interessados.

TRECHOS DE CARTAS E OUTROS DOCUMENTOS

Agora passamos a uma seção onde transitamos de relatos reflexivos para curtos extratos de cartas que são relevantes para a história e caráter de Champagnat. Colocados em ordem cronológica, apresentam-nos as opiniões de alguns dos seus contemporâneos.

Em 24-5-1830. Carta do Pe. Cattet ao Pe. Champagnat. O instrumento de aprovação do Instituto foi promulgado pelas autoridades arquidiocesanas do Arcebispo de Pins.

“Origines Maristes”. Vol I. Doc. 218.



Pe. Coindre. Demonstrando bom senso, ele resistiu à pretensão do Pe. Cattet de unir a sua congregação à de Champagnat.

“Lião, 24 de maio de 1830.

“Reverendo Padre,

“Ficamos sensibilizados pelos sentimentos que o levaram a escrever-nos. Eles honram a sua modéstia e nos provam ainda mais claramente que o confrade é o homem de quem o Senhor bondoso deseja valer-se para levar avante a sua obra com êxito. Bom amigo, continue a formar na arquidiocese bons elementos que façam florescer a religião nas regiões do campo.

“Recebi carta de Paris em que se afirma que a ordenança da sua congregação está formulada e que apenas aguarda a assinatura do Rei.

Com mil saudações amigas,

Cattet, Vigário Geral.

Comentário

É muito lamentável que a carta de Champagnat de que faz alusão aqui não haja sido preservada. Parece que o superior de l’Hermitage protestou a sua pouca importância nessa carta e ofereceu a sua demissão, que o Vigário Geral aqui rejeita sem discussão. Teria sido a perspectiva de que a sua congregação fosse aprovada que teria incitado o Fundador a fazer esse ato de humildade? É difícil saber. Em qualquer hipótese, a revolução de julho de 1830 para logo enterrou a ordenança governamental, ainda sem assinatura, e quaisquer projetos baseados na aprovação do Instituto.

Esta carta revela um Pe. Cattet muito diferente daquele homem com quem nos deparamos em 1826. Naquele tempo, Cattet produziu um relato áspero e desencorajador de inspetor acerca de l'Hermitage e tinha o intento de unir o trabalho de Champagnat àquele do Pe. Coindre. Obviamente, Cattet chegara a um caloroso apreço da sua obra.

Em 18-12-1830. Carta do Pe. Cattet ao Pe. Champagnat, em que anuncia a sua nomeação de superior da Sociedade de Maria (pelo Arcebispo de Pins, administrador apostólico da arquidiocese de Lião).

“Origines Maristes”, Vol. I, Doc. 226).

“Lião, 18 dezembro de 1830.

“Senhor Padre Champagnat:

“O senhor arcebispo administrador, querendo testemunhar o afeto que tem à Sociedade de Maria, já vos havia colocado à testa dos Padres e dos Irmãos com o título de diretor de l'Hermitage. Éreis, portanto, o Superior de fato.

“Hoje, contudo, a Sociedade torna-se mais importante e a Providência parece querer servir-se do vosso zelo para engrandecer a obra e operar o bem nesta vasta diocese. Sua Excelência encarrega-me de anunciar-vos e a todos os vossos confrades que o seu plano é fazer-vos Superior titular da Sociedade de Maria.

Conquanto custe à vossa modéstia, considerai-vos encarregado, da parte de Deus, da direção dos membros que a compõem; contudo cuidai de sempre referir ao chefe da diocese, segundo o direito, as causas maiores que se apresentarem e de nos informar, de vez em quando, acerca do estado da vossa Sociedade. Estais, portanto, constituído Superior.

“Todos os Padres e Irmãos de Maria vos obedecerão como ao seu pai. Sem tomar o nome de pai em público, para não despertar ciúmes nos nossos inimigos, que fariam disto pretexto para perseguir essa congregação religiosa, tereis realmente sentimentos paternos para com todos aqueles que forem membros da Sociedade.

Pedimos a Deus que continue a abençoar-vos e que se sirva de vós para consolar a Igreja por tantas perdas que sofreu. Em consideração das



Arcebispo de Pins.

calamidades que ameaçam a França, o Senhor fortificará os vossos corações com dar-lhes sincera humildade e vigor apostólico.

“Rogo-vos, senhor, que leiais esta carta aos vossos confrades reunidos. “Contai com toda a minha dedicação e crede-me, no coração do bom Mestre,

*“o vosso mui afeiçoado,
CATTET, Vigário Geral.”*

Comentário

Esta carta, que nomeia Champagnat como líder da Sociedade de Maria, ramo dos Padres e Irmãos, na arquidiocese de Lião, é muito significativa pelo fato de que fica assim reconhecida pelas autoridades arquidiocesanas, que agora confirmam a recente eleição, de que não se faz menção, de Champagnat como líder dos seus pares maristas na arquidiocese. Obviamente, a arquidiocese, ao fazer esta nomeação, quis enfatizar que a arquidiocese fez a escolha, mas esses sacerdotes maristas sabem que ainda pertencem a essa arquidiocese. Ainda assim, tanto a Sociedade de Maria como Champagnat são reconhecidos e honrados por esta carta.

Em 23-9-1834. Carta do Pe. Jean-Claude Colin a Champagnat, encorajando-o e aconselhando-lhe prudência no episódio de Grange-Payre.

“Origines Maristes”, Vol. I, Doc. 324.

“J.M.J. Belley, 23 de setembro de 1834.

“Meu caríssimo confrade:

“As boas disposições que o Senhor colocou no vosso coração enchem-nos de alegria e nos estimulam. Rogamos, com instância crescente, que o Pai de todos os dons perfeitos vos fortifique nesse espírito de fé e de desinteresse que vos anima.

Tão logo recebeis resposta do Pe. Cholleton, peço-vos que nos comuniquéis; seja ela negativa ou positiva, dizei-nos, por favor, o que cumpre fazer e em que época deve o meu irmão partir. Gostaria de que pudésseis prescindir dele pelo menos até depois do retiro, que faremos, provavelmente, no fim de outubro.



La Grange-Payre, propriedade doada ao Pe. Champagnat, que a destinou para alojar o grupo de aspirantes dos Padres Maristas de Valbenoîte.

“Importa que vos comunique os meus pequenos temores com relação ao vosso excelente projeto de transladar o berço da Sociedade de Maria para Lião, na vossa casa perto de St. Chamond. Temo que o Pe. Séon canse e se valha da ocasião para retirar-se, o que seria grave inconveniente. Disponde tudo com paz e suavidade. As vossas intenções são boas; mas, se os planos não se podem executar sem perturbar a paz e a união dos corações, então cumpre transigir e tomar o tempo necessário para o melhor conhecimento da santíssima vontade de Jesus e Maria.

“Espero que me enviareis o Irmão cozinheiro sem tardança, logo após o vosso retiro. Aguardo-o para organizar a nossa casa sobre base diferente. As minhas modestas considerações ao Pe. Terraillon e a todos os nossos caros confrades e Irmãos. Deixo-vos nos santos corações de Jesus e Maria. Sou, com a mais sincera afeição, o vosso muito humilde servidor, COLIN, Superior.”

Comentário

Champagnat informou a Colin a sua segunda carta a Cholleton, em que aquele oferece uma grande propriedade aos Padres Maristas que trabalham em Valbenoîte. Champagnat estava muito preocupado em que esses Maristas poderiam perder o seu espírito religioso na sua atual situação e emprego. Colin se encantou com a generosidade e apurado espírito religioso de Champagnat e deu expressão da sua alegria nesta carta.

Ainda assim, Colin, ao passo que encarece o gesto do seu colega e as razões em que se fundamenta, imprime certa nota de cautela na sua resposta, porquanto está consciente dos sentimentos que podem ser feridos. Em particular, há o ponto nevrálgico da posição do Pe. Séon, que substituiu Champagnat como novo Superior Marista na arquidiocese e que foi confirmado na sua posição pelas autoridades arquidiocesanas. *“Disponde tudo com paz e suavidade. As vossas intenções são boas; mas, se não podem ser levadas à prática sem perturbar a paz e a união dos corações, então cumpre transigir e tomar o tempo necessário.”* No destaque dessas palavras, Colin exercita as qualidades de prudência, cautela e consideração pelas conseqüências, algo que marca a sua liderança. Nesse comenos, o Champagnat de emoção forte recebe um como conselho de que contemporize e se retenha.

Para acalmar os temores e preocupações de Champagnat, Colin decidiu enviar o seu irmão Pedro a Valbenoîte, onde, como Padre Marista de experiência e solidez, tinha tudo para assegurar a estabilidade da comunidade.

O pedido de um Irmão cozinheiro por parte de Colin nos passa uma idéia e conceito diferente do que pensa Champagnat sobre o papel dos seus Irmãos. Embora Champagnat aprovasse que alguns Irmãos se comprometessem com o apostolado do trabalho manual de horário pleno, a sua concepção dominante era a de atribuir aos Irmãos o papel de educadores religiosos. Nisto, aliás, está a maior diferença entre os pontos de vista contrastantes dos dois líderes .

Em 20-24 de setembro de 1836. Relatório oficial levantado pelos dois secretários.

“Origines Maristes”. Vol. I. Doc. 403. Sect. 19.

A seguinte passagem deve ser lida confrontando a com as passagens de 1845 e de maio-outubro de 1853, passagens que foram colocadas em ordem cronológica, para ficarem mais adequadas ao relato apresentado. Este extrato é constituído pelos ossos descarnados das minutas do encontro histórico em que os Maristas emitiram os votos e elegeram o Superior Geral. O discurso de Champagnat foi muito sóbrio para o novo Superior Geral eleito.

Pouco depois, a convite do chefe de cerimônias, o Pe. Champagnat,⁴⁶ dirigindo-se ao recém-eleito, mencionou a carga que havia sido colocada nos ombros dele, Colin, e prometeu, em nome de todos os seus confrades, que se empenharia em aliviar-lhe o peso.



Capela La Capucinière, de Belley, em que os primeiros Padres Maristas emitiram os votos.

⁴⁶ O Pe. Bourdin registra semelhante reação do Pe. Champagnat, quando ele recebeu carta do Pe. Bochard, V. G. Provavelmente era relativa ao mesmo incidente.

Em 1848. A eleição do Pe. Jean-Claude Colin, 24-9-1836, como refere o Pe. Maîtrepierre e também o Pe. Mayet.

“Origines Maristes”, Vol. II, Doc. 684, p. 523.

“O Pe. Champagnat, falando com simplicidade apostólica, disse ao Pe. Colin: “Reverendo Pe. Superior, acabamos de lhe dar um presente muito ruim. Quando os seus filhos passarem perante o grande Juiz, o senhor permanecerá no assento dos réus e, se um deles for condenado pela sua falta, o senhor vai responder por isso”. Em face das palavras límpidas, fortes e firmemente acentuadas de Champagnat, podíamos dizer, na plena semântica da expressão, que Colin se debulhou em lágrimas, que lhe lavaram o rosto.”

Comentário

As palavras de Champagnat certamente não parecem encorajadoras para o Pe. Colin em prantos. Quiçá o Fundador dos Irmãos Maristas quisesse exagerar as responsabilidades do novo Padre Geral, para dar, em contrapartida, mais ênfase ao fato de que o Superior seria plenamente assistido pelos seus seguidores e que seria assistido nas suas responsabilidades pelas orações e outras formas de apoio.



Pátio interno da Capucinière, em Belley.

Em maio-outubro de 1853. Champagnat e a eleição do Pe. Colin como Superior Geral, segundo o registro do Pe. Maîtrepierre.

“Origines Maristes”, Vol. II, Doc. 752, p.715 ss.

“Cada vez que o seu nome é mencionado, as lágrimas no rosto de Colin pareciam dobrar; de fato, quando o Bispo Pompallier o tomou pela mão e o conduziu à poltrona que se lhe destinou, elas lhe lavavam a face. Nem pôde ele evitar mal contidos soluços, quando Champagnat foi à sua presença e, em prolação clara e aspereza enfática, assim começou o discurso: “Reverendo Superior, acabamos de lhe oferecer muito ruim presente. Muitas tribulações o aguardam na sua administração. A sua posição de dignidade, por certo, o alevanta, mas tão somente para melhor

expô-lo a ventos e tempestades e, mais que tudo, no último dia, o senhor vai responder por cada um de nós”. Com que fervor de coração nos empenhamos em cumprir a promessa de Champagnat, feita em nome seu e dos colegas, para tudo fazer para aligeirar a carga do Superior, já que o simples pensamento dessa responsabilidade parecia esmagá-lo.”



Vista da propriedade da Capucinière tomada do jardim. A eleição do Superior Geral Marista realizou-se neste edifício.

Comentário

Este relato da eleição de Colin como Superior Geral evidencia claramente a sua natureza emocional; por outra, Champagnat comparece revestido de drástica e sombria aspereza.

Em 18-9-1837. O Pe. Champagnat renuncia ao cargo.

“Origines Maristes”, Vol. I, Doc. 416 p. 951.

“Maria, minha terna Mãe, entrego pura e simplesmente nas mãos do Reverendo Pe. Superior Geral da Sociedade de Maria o ramo dos Irmãos Maristas que me foi confiado em 1816. Por fineza vossa, ó Mãe de misericórdia, fazei que alcance o perdão de todas as minhas faltas pelas quais me tornei culpado, ao negligenciar as minhas obrigações a respeito desta obra, ou por não me haver desempenhado para com ela como devia. Por esta concessão, que eu faço plena e inteiramente, não desejo comprometer, de nenhuma forma, aqueles direitos que o nosso mui ilustre Prelado poderia eventualmente ter nesta obra, que ele trata com ternura, e que a tem auxiliado por vezes com generosidade.



São Marcelino
Champagnat.

“Dado no seminário menor de Meximieux, depois de oito dias de retiro, 18 de setembro de 1837.

José Marcelino Champagnat

“Entrego, portanto, a minha demissão nas mãos do Pe. Jean-Claude Colin, Superior Geral da Sociedade de Maria, na presença do Pe. Terraillon,

Pe. Assistante e outros membros do Conselho, conjurando-os a não me esquecer nas suas missas, de modo que eu possa alcançar o perdão das minhas numerosas omissões e que possa cumprir as duas resoluções que tomei neste retiro.

“Ficarei muito feliz, se integrarem com a sua assinatura a minha promessa, porque estarei certo de que obtive o que desejei.

“Chanut, Convers, Jacob, Colin (Pierre), Terraillon, Forest, Chavas.

Comentário

O documento que contém a demissão de Champagnat comporta mais coisas que interessam. Primeiro que tudo, Champagnat fala de entregar nas mãos do Superior Geral da Sociedade de Maria “o ramo dos Irmãos Maristas que lhe fora confiado em 1816”. Isto é clara evidência de que a convicção de Champagnat de que ele recebeu uma missão dos seus companheiros. Atesta-se também a pluralidade dos ramos que o projeto original comportava. Em segundo lugar, o documento foi testemunhado por escrito por seis Padres Maristas presentes. O nome de Jean-Claude Colin não aparece. Não há evidência que indique que Colin se espelhava na expressão de Maîtrepierre: “Reputava-se conveniente pedir-lhe que se demitisse”, como se cita páginas atrás deste livrinho. Em todo o caso, parece que a solicitação a Champagnat foi um teste que Colin considerou conveniente impor ou permitir que fosse imposto.

Diversas razões para a provação parecem auto-sugeridas. Talvez Colin se valesse da provação do líder do ramo mais numeroso de religiosos maristas em vista do seu desejo de consolidar a unidade dos grupos. Também é possível que Colin quisesse provar o espírito de obediência de Champagnat, com o fim de reformular a congregação dos Irmãos; disso fala Colin em certa carta de 27 de outubro de 1837, um pouco mais de um mês após a dita resignação. Pode mesmo ter havido outra possibilidade ou fator de influência. Os que assinaram a solicitação podem ter sido certo punhado de neófitos da vida religiosa, utilizando-se desse gesto de humildade para permitir que o novo Superior exercesse o seu poder em distribuição de cargos e prepostos. Neste último caso, Champagnat certamente colheu a ocasião a talho de foice, com a sua bela demonstração de obediência religiosa.

CHAMPAGNAT E A SIMPLICIDADE

Julho de 1838. Palavras de Colin ao Bispo Frayssinous, registradas pelo Pe. Dupuy.

“Origines Maristes”, vol. II, Doc. 428, p. 149, linhas 31-39.

“O Pe. Colin, depois de falar acerca da sua própria simplicidade no vestir e no proceder quando esteve em Roma, foi além e disse. “Certo sacerdote, muito ligado a nós,⁴⁷ afirmou-me que aquilo que tornou sem êxito os esforços de Champagnat em Paris foi a sua simplicidade. Depois de observá-lo nas entrevistas, os burocratas soíam dizer dele: Em verdade é homem excelente; mas propende-se a tomá-lo como campônio, alheio a formalidades de cortesia; para tal papel, os eclesiásticos tinham homens mais socialmente cultivados”.

Colin relatava tudo isto, dizendo que as coisas de Deus estão muito mais apartadas das coisas do mundo e que devemos julgá-las mui diferentemente. Falava generosamente acerca da simplicidade, exaltando-a. Com toda a probabilidade, o sacerdote a que Colin se referia era o Pe. Chanut.

Comentário

Aqui a palavra *simplicidade* parece assumir conotações de falta de sofisticação, viés de aspereza e deficiente cortesia. Preferimos considerar a simplicidade de Champagnat como senso caracterológico direto, enérgico, cordial e sem artifício, quase como o da criança na conquista do objeto dos seus desejos.



Bispo Frayssinous, líder educacional, a quem o Inspetor de Regel pretendia conceder a autorização legal para os Irmãos Maristas, em 1822.

⁴⁷ O Pe. Maîtrepierre ao Pe. Lagnier, 5 de março (leia-se abril) de 1840. Passei uma semana em l'Hermitage no meio de março. O bom Pe. Champagnat não estava bem. Quando o deixei, estava algo melhor. De novo ele me edificou.

Em 3-2-1839. Carta do Pe. Terraillon ao Pe. Chanut.

“Origines Maristes”, Vol. IV p. 357.

St Chamond, 3 de fevereiro de 1839.

Caro Amigo,

“...Tenho visto o Pe. Champagnat diversas vezes e lhe falei do seu negócio com vivo interesse. Vejo que o nosso Superior Colin também lho recomendou; mas parece que nada conseguimos, nem você nem ele. O Pe. Champagnat torna-se cada vez mais melindroso em tudo quanto se refere aos Irmãos. Ele parece temer a influência dos padres da Sociedade sobre eles. O que é certo, meu amigo, é que há apenas respostas negativas para nós em tudo quanto lhe pedimos, sob o pretexto de que é impossível para ele. O que tenho a honra de dizer a você não vai mais longe; não tenho medo de confiar à sua descrição aquilo que me foi dado conhecer.

“Esqueci de lhe dizer que Champagnat acaba de comprar a propriedade de Patouillard, vizinho dele. Ele foi forçado a fazê-lo pelas circunstâncias. Se não houvesse feito essa aquisição, certo empresário teria construído aí uma fábrica de cordas e cadarços.

Terraillon, pároco de Notre Dame.”



Pe. Chanut.

Comentário

O Pe. Terraillon saiu de l’Hermitage no dia de Todos os Santos de 1826, para pregar o Jubileu. Depois foi nomeado coadjutor e, mais adiante, pároco. Em abril de 1828, tornou-se pároco de Notre Dame de Saint Chamond; talvez, segundo o Pe. Coste, tenha sido por influência de Champagnat, para tê-lo próximo de l’Hermitage. Como outros, ele era aspirante marista e fez com eles profissão em 1836. Permaneceu na sua paróquia até 1839. Ele devia ter bom conhecimento dos negócios de l’Hermitage; isto torna a sua carta tão valiosa.

Como diácono, o Pe. Chanut passou dois anos com Champagnat em l’Hermitage, 1831 e 1832; tornou-se aspirante marista. Emitiu os seus votos com a turma de 1836; em 1838, estava novamente em l’Hermitage. Em julho de 1838, nomeado para o santuário de Nossa Senhora em Verdélais, próximo de Bordéus. Aí ele sentiu necessidade de três Irmãos para auxiliá-lo; escreveu, pedindo-os. Depois foi removido desse posto por Colin; passado algum tempo, retirou-se da Sociedade.

A carta de Terraillon indica que houve alguma perturbação no horizonte, no atinente às funções dos Irmãos Maristas. Colin e Champagnat tinham diferentes idéias sobre o assunto. Alguma solução do problema foi achada mais tarde, em 1839, com a separação dos Irmãos *Josefinos*, que viraram auxiliares diaconais dos Padres Maristas, enquanto os Irmãos Maristas se ativeram a trabalhar com o tipo de apsolado indicado por Champagnat.

De 28 de agosto a 3 de setembro de 1839. Humildade de Champagnat. Comentários do Pe. Champagnat sobre as “origens maristas”, como ficou documentado pelo Pe. Mayet.

“Origines Maristes”, Vol. II, Doc. 440.

“Nada houve de maravilhoso nas origens da Sociedade, afora na escolha dos seus primeiros membros.”

“Entre aqueles que não estiveram presentes no começo, há alguns que estão determinados a encontrar algo maravilhoso nas origens e nas primeiras atividades da Sociedade. A coisa maravilhosa é que, para esta obra, aprouve a Deus valer-se de alguns instrumentos.



O refeitório do Pe. Champagnat em La Valla.

“Relato essas palavras para tornar conhecida a humildade de Champagnat; mas é suficiente lançar um olhar sobre essas reminiscências, para perceber que não houve outra base ou fundamento que não seja a modéstia deste santo confrade.”

Comentário

Mayet admira a humildade de Champagnat; mas não concorda com ele quanto à sua avaliação da situação. Obviamente, Champagnat sente que os recursos humanos e materiais sobre que a Sociedade de Maria foi construída foram algo maravilhoso.

Em 15-10-1839. O Pe. Servant escreve ao Pe. Champagnat da Nova Zelândia.

“Origines Maristes”, Vol. IV, p. 353.

“15 de outubro de 1839.

Reverendo Superior e caro Padre:

Recebi, há pouco, as duas cartas, uma de dezembro de 1836 e outra de março de 1838. O relato edificante que me dais e o êxito dos vossos estabelecimentos me dão intensa alegria. Muito me é caro recordar a vossa lembrança e aquela dos vossos bons Irmãos. Estou muito longe de ter esquecido a casa que foi para mim o porto da paz, onde tive ante o olhar mais de um exemplo de edificação. Muito me alegra retornar em espírito à casa da piedosa reclusão, onde creio e confio que rezais a Deus sinceramente por mim. (Seguem os parágrafos descritivos do trabalho apostólico da missão.)

Ao terminar, caro confrade, peço licença para expressar aos nossos queridos Irmãos os sentimentos e saudades do meu coração, porque as lembranças daí não murcharam.

Servant, missionário.”



Pe. Servant.

Comentário

O Pe. Servant foi ordenado em dezembro de 1832. Esteve em Valbe-noîte; foi capelão em l’Hermitage de 1833 a 1836; pertenceu ao primeiro grupo que partiu para a Oceania; passou quatro anos na Nova Zelândia; catorze anos em Futuna; três anos em Samoa. Morreu em Futuna, em janeiro de 1860, com 52 anos.

A carta de Servant fornece uma descrição calorosa acerca do espírito de fervor e paz que reinava em Notre Dame de l’Hermitage sob a liderança do Pe. Champagnat.

Primavera de 1842. Os primeiros quatro membros da Sociedade no registro do Pe. Mayet.

“Origines Maristes”, Vol. II, Doc. 537, p. 290 ff.



Pe. Mayet.

“O Pe. Champagnat disse: “O maravilhoso na Sociedade de Maria é que para esta obra quis Deus valer-se de tais instrumentos humanos”. O Pe. Maître-pierre, ao ler essas palavras, falou-me: “O Pe. Champagnat tinha de fato tudo o que é humanamente necessário para impedir o êxito da sua empresa”.

“Depois acrescentou: “Champagnat, ele próprio, me contou isto. Seria importante notar aqui o tom rude, melhor seria dizer áspero; eu deveria registrar o modo algo selvagem com que ele se expressou”. Na margem da frase de Mayet há este adendo. “Alguém disse a Champagnat: Como espera que

os seus Irmãos sejam aprovados? O senhor é professor deles; portanto teria de saber mais que eles; contudo o francês das suas cartas é muito ruim”.

Comentário

Evidentemente, ao olhar de muitos dos seus contemporâneos, não tinha como ser bem sucedido como Fundador de congregação envolvida no ensino e na educação. De certa forma, reitera-se nele o caso petrino do rude pescador Galileu que se tornou pregador de tal gabarito que, em um único dia, converteu três mil pessoas. Também não fica mal inserir aqui que o Pe. Mayet, em que pese ser grande cronista, era propenso a alguma presunção. Ele também não dá boa nota à Madre S. José Chavoin, por ele considerada como desprovida de instrução, incluída na categoria de mulher de pescador.

Em 1845. Dois aspectos de Champagnat, anotados pelo Pe. Mayet.

“Origines Maristes”, Vol. II, Doc. 611, p. 422.

A. Champagnat e a mala.

“Certo dia, Champagnat estava voltando de viagem com outro sacerdote;⁴⁸ presume-se fosse Terraillon. Eles destinavam-se ao seminário maior de Lião, não longe do cais de desembarque do vapor. O companheiro queria deixar a sua pequena mala na estação, sem ter de atravessar a cidade com ela; depois mandaria um Irmão buscá-la. Disse-lhe Champagnat: “Deixe-a comigo. Sou homem do campo, acostumado a isso”. Champagnat, assim, carregou ambas, a própria, grande e pesada, e a do confrade.”



O cais de Lião.

Comentário

Os dois sacerdotes, provavelmente, retornavam do retiro de Belley e pretendiam encontrar-se com alguns confrades do seminário e então visitarem o santuário de Nossa Senhora de Fourvière, antes de retornar a St. Chamond.

Croix-Paquet, a quadra onde o seminário de S. Irineu se situava nesse tempo, realmente não está longe do cais Saint Clair. Terraillon e Champagnat teriam chegado em vapor da Companhia de navegação do Alto Ródano que, diariamente, fazia o serviço entre Lião e Aix-les-Bains. Como a Companhia não existia antes de 1839, podemos, com segurança, colocar o acontecimento em 1839, depois do retiro dos Padres Maristas em Belley. O serviço de vapores atingia Seyssel, Belley e Ambérieu. O outro detalhe da carta pressupõe que houvesse Irmãos em Lião; aliás, há certeza disso, já que os Irmãos dirigiam orfanato em Lião desde o outono de 1835.

B. O Pe. Champagnat na casa de retiro dos Padres Maristas

“Num retiro geral da Sociedade feito no seminário menor em Belley, Champagnat foi convocado a nos dirigir algumas palavras aconselhamento. Ele procedeu a isto com profunda humildade e pareceu estar extre-

⁴⁸ Ele foi convidado a falar pois era o de mais idade.

mamente embaraçado. Ele encerrou a sessão antes da hora prevista, dizendo que não queria que perdêssemos o nosso tempo em escutá-lo.”

Comentário

Estamos em face de interessante quadro de Champagnat: homem humilde, sem dúvida; mas igualmente alguém que, diante de pessoas de autoridade ou intelectuais, parece hesitante e falto de confiança em si. Este é o



Casa de retiro. Seminário menor, Belley.

mesmo Champagnat desconfiado, respeitoso e ansioso, com que nos deparamos no seu relacionamento com Bochart, com o Arcebispo de Pins, com Salvandy e outras autoridades governamentais; e ainda em episódios como a forçada união com Coindre, com Querbes, no caso do rascunho de carta com marca de rasgo. O Champagnat dos episódios acima mencionados contrasta com o jovem líder vigoroso, que sabe o que quer, rachador de rochedos, fundador desenvolvido, Padre Marista entusiasta e caloroso entre os seus confrades e no meio dos seus Irmãos Maristas nas reuniões sociais. Parece haver estranha dicotomia, que provoca a consideração deste aspecto de são Marcelino Champagnat.

Em 25 de novembro de 1850. A maravilhosa missão do Pe. Champagnat. Testemunho de um pároco e do Pe. Terraillon registrado pelo Pe. Mayet.

“Origines Maristes”, Vol. II, Doc. 701 p. 543.

“Um padre da diocese de Lião, condiscípulo de Champagnat no tempo de seminário, dizia com espanto vinte e cinco anos depois do início dos irmãos Maristas: Deus o escolheu e lhe disse: Champagnat, faça isto. E Champagnat o fez. De outro modo não se poderia explicar o extraordinário sucesso de Champagnat”.

“Em 25 de novembro de 1850, o Pe. Terraillon, relembando o passado comum com outro sacerdote marista,⁴⁹ que se presume seja o próprio

⁴⁹ Muito provavelmente o Padre Chanut.

Mayet, e admirando a mão de Deus nas origens da Sociedade, disse: “Champagnat reuniu alguns Irmãos para formá-los; e ele não sabia o que lhes estava ensinando; ensinou-os a ler, mas ele não sabia como ler; ensinou-os a escrever, mas ele ignorava como aplicar as regras da gramática nos próprios escritos”.

Comentário

Ambos os testemunhos, de natureza antes hiperbólica, assinalam o que parece ser a assombrosa intervenção de Deus no apoio da obra apostólica do Pe. Champagnat. Ambos atestam a determinação e o vigor de Champagnat, bem como a sua confiança no Senhor.

Em 18 de junho de 1853. Palavras do Pe. Mazelier.

“Cartas de Marcelino J. B. Champagnat”. Vol. II. Referências: Edição Inglesa, P. 392.

“O respeitado Pe. Champagnat era santo sacerdote. Ele corou uma vida muito sacerdotal e generosa com morte santa. Há, porém, imperfeições nos santos. No atinente a Champagnat, considerou-se que ele não cumpriu a sua palavra com suficiente exatidão. O Pe. Douillet, Superior de internato na Côte St. André, fez-lhe esta queixa sobre o assunto. Também o Pe. Colin me contou que havia feito a Champagnat igual exprobração. Eu tive ocasião de censurá-lo sobre isto, quando ele não foi exato no cumprimento das condições que eu havia colocado no concernente aos seus Irmãos que ele me havia enviado, com o fim de serem dispensados do serviço militar; deveriam viver em St. Paul-Trois-Châteaux até que obtivessem o seu diploma. Em certo dia, o próprio Champagnat me disse: “Censuram-me de que nem sempre cumpro a minha palavra. Eu prometo e então, se não consigo administrá-la”... Compreendi por tais palavras que ele não tinha malícia, mas que, talvez, não se preocupasse suficientemente com isto.”

Comentário

Deparamo-nos aqui com certa causa de queixa sobre Champagnat que emana do sacerdote que auxiliou o Fundador, aceitando aqueles Irmãos Maristas que estavam ameaçados de recrutamento, já que pertenciam a uma congregação não autorizada pelo governo. Estando autorizada a congre-

gação dele, Mazelier aceitou os moços de Champagnat até o tempo regular da sua dispensa do serviço militar. Nesse intervalo, ele escreveu que tinha certo agravo contra a congregação marista, recriminação que foi resolvida amigavelmente, algum tempo depois. A escolha do Pe. Douillet para apoiar a sua declaração não foi feliz; Champagnat teve muitas dificuldades com esse bom mas espinhento sacerdote, incurso no mesmo defeito de não saber guardar a sua palavra.

Em 5 de agosto de 1854. Rápido olhar nas origens da Sociedade de Maria, o lugar nelas do Bispo Pompallier e as circunstâncias que cercam a sua aceitação da Missão na Oceania. Extrato de uma nota enviada pelo Pe. Colin à Sagrada Congregação da Propaganda. A nota está na mão do Pe. Yardin, que atuou com o múnus de secretário de Colin.

“Origines Maristes”, Vol. II, Doc. 753, p. 723.

“Convém restabelecer a verdade no atinente a certos fatos relativos à Missão da Oceania Ocidental, apresentados até o presente de maneira mais ou menos inexata.

“O projeto da Sociedade de Maria, concebido e meditado de antemão, constitui empreendimento em fase experimental no biênio 1815-1816, quando alguns jovens sacerdotes se dedicam à causa; eles, porém, não lograram obter dos seus superiores eclesiásticos a permissão oficial de viver em comunidade. Em 1823, estiveram ainda mais separados um do outro, pela própria criação da diocese de Belley, extraída do espaço lionês, colocando automaticamente o projeto na jurisdição de dois Bispos.

“O Pe. Colin, retido na diocese de Belley, com a permissão do Bispo Devie, ordinário do lugar, logrou formar um corpo de Missionários Maristas dos quais se tornou Superior.

“Nesse tempo, o Pe. Champagnat, um dos primeiros sacerdotes da Sociedade em botão, ocupado na arquidiocese de Lião, autorizado pelo Arcebispo de Pins, ia formando um grupo não clerical de Irmãos para o ensino primário, grupo que conta em 1854 com mais de mil e duzentos membros. Para auxiliá-lo nesta empresa, ele foi recebendo na sua casa alguns jovens sacerdotes há pouco saídos do seminário. Entre outros, em 1828 ou 1829,



Bispo Pompallier.

estava o Pe. Pompallier que, pouco depois, era o mais entusiasta advogado da separação dos três ou quatro jovens presbíteros da casa dos Irmãos. Como, porém, não foi escolhido como cabeça dos confrades, Pompallier abandonou-os e se tornou capelão de internato não clerical de Lião. Estava ele nesta simples capelania, quando, em 1836, a Administração Apostólica de Lião o designou para a Propaganda, como Vigário Apostólico da Oceania ocidental; foi com este múnus que ele foi sagrado em Roma, em 30 de junho do mesmo ano.

“O Pe. Colin, na diocese de Belley, tinha apenas poderes muito limitados de relacionamento com os seus anteriores Superiores de Lião; além disso, estes, não o consideravam, de modo algum, como Superior dos Padres Maristas na diocese deles. Colin não teve parte alguma, tampouco tiveram os seus confrades de Lião na escolha do Pe. Pompallier para o episcopado; eles cooperaram com a aceitação da Missão da Oceania somente para induzir o Bispo Devie a ceder para a dita Missão dois Padres Maristas: Brett, que morreu na viagem, e Chanel, que foi martirizado na ilha de Futuna.

Depois dessa singela exposição, o Pe. Colin acreditava que ele pudessem concluir duas coisas:

1º. Seria gratuitamente que alguém o poderia acusar de que tivesse pontos de vista que propendessem à aceitação dessa missão.

2º. No seu retrospecto de 15 de maio, impresso na Propaganda em 1847, ele foi capaz de dizer, em verdade, que o Bispo Pompallier não pertencia à recém-estabelecida Sociedade, fosse pela nomeação ao episcopado, fosse pela profissão de votos.

“Por último, os dois Ordinários de Lião e Belley consentiram num encontro geral dos confrades das duas dioceses que quisessem ser parte da recém-nascida Sociedade. A reunião realizou-se na cidade episcopal de Belley, em setembro de 1836; em 24 do mesmo mês, o Pe. Colin foi eleito Superior Geral e foi reconhecido como tal pelos Ordinários de Lião e de Belley.

Comentário

Em 1854, o Pe. Colin estava muito decepcionado com a administração da Missão da Oceania pelo Bispo Pompallier, seja a respeito das despesas da Missão, que Pompallier esperava que Colin assumisse, seja especialmente em relação ao *poder*, já que os pedidos de um Bispo não marista colidiam com as expectativas da vida religiosa dos Maristas e aqueles do Superior Geral deles. A exasperação de Colin com Pompallier fica bem esclarecida nesse documento.

**Em 24 de outubro de 1864. Carta do Cardeal Donnet
ao Ir. Luís Maria: observações sobre Champagnat.**

“Origines Maristes”, Vol. III, Doc. 888.

“Bordéus, 24 de outubro de 1864.

“Tenho lido, caro Irmão, com imensa edificação, a vida do seu excelente e sempre lembrado Fundador. Éramos quase conterrâneos; ele fez quase todo o seu seminário comigo. Estava colocado sempre ao meu lado, tanto na Teologia quanto no corredor das nossas celas. Ele era, como o autor da biografia diz, um dos mais valiosos homens, em qualquer ponto de vista. Muitas vezes, ele me confiava pensamentos os mais íntimos. Nada, portanto, na história da sua vida me assombra. A vida será lida no refeitório do meu seminário maior no próximo retiro do clero, porque dela se pode tirar muito bem.

“Penso que seria melhor pôr apenas as iniciais em vez do nome do Pe. Courveille, não digo suprimir o que lhe diz respeito. Champagnat não entrou no seminário em 1812, senão em primeiro de setembro de 1813. O senhor de Trivier não foi importante na fundação dos Irmãos em St. Sauveur, cabendo a honra por inteiro à família Colomb de Gaste. Trivier fez muito para a escola de Bourg-Argental, de concerto com o senhor de Pleyné, neto do senhor Sablon, que era então prefeito da minha cidade natal. Espero que não leve a mal que reivindique o meu quinhão nessas duas fundações. Havendo preservado laços de amizade com Champagnat nas diversas posições que a Providência me destinou, solicitei-lhe encarecidamente, concertado com as autoridades locais, que ele fosse servido em enviar os seus Irmãos a St. Sauveur e a Bourg-Argental; e, com o consentimento do Pe. Colin, outro colega meu de seminário entre 1813 e 1816, enviá-los a uma comunidade de Padres Maristas da minha diocese em 1838. (N. B. Não pensamos que Champagnat interveio, seja de que modo for, na fundação de Verdélais, que não lhe interessava e à qual não desejava enviar Irmãos. O bom Cardeal está exagerando as coisas para encontrar conexões com o Instituto dos Irmãos). O Pe. Chanut foi o primeiro superior da missão de Verdélais, estabelecimento que se tornou um dos mais importantes da “Entre em todos esses pormenores, caro Irmão, para que não me recuse alguns Irmãos para a paróquia de Gironde.

“Não sou apenas um dos melhores amigos da sua Ordem, mas quase um dos seus fundadores. Eu havia prevenido o Pe. Champagnat acerca das trapaças que Courveille lhe pregaria. (N. B. Donnet esteve fora da arquidiocese de Lião de novembro de 1822 a agosto de 1827. Courveille já

havia perpetrado a perturbação. A predição de Donnet provavelmente ocorreu antes de 1822 e talvez no próprio seminário.) Eu apaziguei o Pe. Bochard mais de uma vez. (N. B. Donnet esteve com os Padres da Cruz de Bochard de 1819 a 1821, de modo que certa influência dele sobre Bochard nesse tempo é plausível.) Logrei que o Bispo de Pins se tornasse favorável aos Irmãos Maristas. (N. B. Isto é questionável.) Prevenido pelo Pe. Cholleton, eu frustrei alguns esquemas do Pe. Cattet e removi preconceitos que haviam sido inspirados pelo Pe. Dervieux, pároco de St. Pierre, contra toda a Congregação, da qual, em certo estágio, nem queria ouvir falar, como ocorreu com o Pe. Alliot de Marlbes. (N.B. A oposição a Champagnat, possivelmente, esteve no auge no tempo pascal de 1821. Nessa época, Donnet, aclamado pelo sucesso da grande missão que pregava em St. Etienne, há de ter falado com alguma eficácia ao Pe. Dervieux na convizinha St. Chamond – nota do autor.)



Fr. Luis Maria, segundo Superior geral dos Irmãos Maristas.

“Ainda conservo a carta que o sucessor dele, Pe. Dutreuil, me escreveu (ele era o meu coadjutor em Villefranche em 1828) sobre os últimos momentos do Pe. Champagnat. Dutreuil considera como uma das suas mais tocantes lembranças os últimos momentos de Champagnat: “A cena que acabo de testemunhar na cela da Casa Mãe de l’Hermitage vai permanecer gravada no meu coração em caracteres indeléveis.

“Então, por fineza, caro Irmão, em virtude de todas essas lembranças, solicito alguns Irmãos para Gironde, sem demora e, em 1866, vai enviar-me alguns outros para Teste de Buch.

Inteiramente seu

*Ferdinand Cardeal Donnet,
Arcebispo de Bordéus.”*

Comentário

O Cardeal Donnet foi Bispo de Bordéus de 1836-1882 e Cardeal desde 1852. Nascido em Bourg-Argental em 1795, foi colega de Champagnat no seminário maior. Os três anos, em que teve de esperar pela sua ordenação em 1819, ele passou ensinando no seminário menor de Belley. Estava interessado em ingressar na Sociedade da Cruz de Jesus, presidida por Bochard; mas, embora de relações amistosas com ela, não entrou. Em vez

disso, tornou-se pregador de missões pelo interior. Em 1864, quando ele pede Irmãos para uma fundação próxima a Bordéus, escreve ao Irmão Luís Maria, Superior Geral. Acabava de ler a vida de Champagnat do Ir. João Batista.

A carta do Cardeal Donnet é de louvor ao Fundador dos Irmãos Maristas, mas é claro que os seus motivos não são de todo altruísticos, porquanto a missiva contém forte e direta solicitação de Irmãos que auxiliassem o Cardeal na sua arquidiocese. Parece que está usando o seu conhecimento de Champagnat, até o ponto de julgar-se um fundador coadjuvante, para influenciar o Superior Geral a sancionar a sua pretensão.

A carta do Cardeal fornece um quadro das atividades como fora do palco em apoio de Champagnat; e, embora o Cardeal possa exagerar no concernente à efetividade da sua intervenção, temos nela adendos para a história de Champagnat. Parece que o Ir. Luís Maria lhe há de ter enviado os mui solicitados Irmãos.

**Em 13 de agosto de 1870. Carta do Pe. Colin ao Pe. Jeantin:
resposta de três perguntas no concernente à história
da Sociedade de Maria.**

“Origines Maristes”, Vol. III, Doc. 844 p. 621.

“J. M. J. La Neylière, 13 de agosto de 1870

“Meu caro e bem amado padre

“Umás poucas e apressadas palavras de resposta à sua carta de onze de agosto de 1870. Se a memória não me engana, não foi em l’Hermitage mas em Belley, aonde o Pe. Terraillon viajara, que a questão da expulsão de Courveille se levantou. A palavra resignação que Terraillon emprega não me parece correta. Courveille nunca tendo sido nomeado e aprovado pelas autoridades eclesiásticas nem canonicamente escolhido pelos seus confrades como Superior, não tinha demissão ou resignação que dar. As notas do Ir. João Batista, das quais você tem cópia, me parecem mais claras e exatas.

“Os quatro ramos apresentados a Roma para formar uma Sociedade sob a autoridade de um único Superior foi corretamente rejeita-



Cardeal Castracane. Ele bloqueou a aprovação dos quatro ramos da Sociedade de Maria, mas aprovou o ramo dos sacerdotes.

da pelo Cardeal Castracane: são os ramos dos sacerdotes, incluindo os Irmãos Coadjuutores, os Irmãos do Ensino, as Irmãs religiosas e a Ordem Terceira.

“Os Irmãos do Ensino nunca acharam lugar diante de Deus no meu plano original para a Sociedade. Se, com o tempo, eles foram admitidos, foi por cortesia e em reconhecimento dos serviços que nos prestaram e especialmente em resposta ao pedido do Pe. Champagnat e dos seus Irmãos. Os sacerdotes, Irmãs e Ordem Terceira entravam no plano original, bem como os Irmãos coadjutores, sob o nome de Irmãos Josefinos.

“Essa combinação que, nos desígnios de Deus, estava destinada a ser apenas provisória, foi o resultado de especial proteção. Os diferentes ramos no começo tinham necessidade um do outro, e tal organização preservou entre si a unidade, união e harmonia.

Comentário

Cinco anos antes da sua morte aos 85 anos, Jean-Claude Colin escreveu ao Pe. Jeantin, respondendo a certa questão que este lhe punha. Jeantin estava trabalhando na Comissão Constitucional dos Padres Maristas e queria respostas a perguntas concernentes à história da Sociedade. Cumpre notar que o relato de Colin não corresponde ao de Terrailon a respeito das circunstâncias da *resignação* de Courveille. Com a expressão “no meu plano original da Sociedade”, Colin avança na idéia de que a Sociedade é a sua fundação, omitindo assim a parte de Courveille; talvez mais significativamente, omite a parte representada na modelização da natureza da Sociedade pelos aspirantes maristas no seminário maior de Santo Irineu.

No que se refere aos Irmãos Maristas, Colin esqueceu que, nos dias do seminário, Champagnat havia proposto a inclusão do grupo de Irmãos do Ensino na Sociedade e recebeu a aprovação do grupo para isso naquela ocasião.

Nos anos 1889 e 1890. O acordo Champagnat-Courveille e o papel do Pe. Gauché. Documento provavelmente escrito pelo Pe. Detours, Marista.

“Origines Maristes”, Vol. III, Doc. 865, p. 841.

“Em Chavanay o Pe. Courveille divulgou um documento ante o tabelião, em que por cinco mil francos e uma cela em l’Hermitage, ele se retirava e deixava ao Pe. Champagnat como dono absoluto de l’Hermitage e das suas propriedades.

“Agora, o pároco de l’Horme disse-me que havia, nesse tempo, um pároco, de nome Gauché, santo pároco e homem muito habilidoso. Champagnat havia enviado Irmãos à sua paróquia e eles eram amigos íntimos. Sabendo que Courveille estava em St. Clair (sem dúvida, Courveille o tinha visto muitas vezes), o Pe. Gauché, de modo muito delicado, teria conduzido as negociações entre Champagnat e Courveille. Em virtude da sua habilidade, Gauché teria tornado Courveille receptivo quanto às condições do acordo que, depois, foi confirmado pelo notário. Champagnat, assim, logrou liberdade e paz.

Courveille, que tinha uma fundação em St. Clair e queria ir a St. Antoine, teria ficado muito feliz com os seus cinco mil francos e especialmente afagado com a cela que lhe caberia em l’Hermitage. Isto indicava que não fora rejeitado de todo; eles o consideravam como amigo da casa, ficando algo reabilitado aos olhos de todos, mas era também gesto de caridade e apaziguamento.

“Teria Courveille feito uso dessa cela? Talvez. Não encontrei traços do seu aparecimento em l’Hermitage nesse período ou depois. Ele levou de l’Hermitage alguns Irmãos a St. Antoine, pelo que mantinha ainda certa conexão com a Casa e com os Irmãos. No restante, a sua falta há de ter feito pouco barulho fora, pela prudência de Champagnat. Pode ser até que os Irmãos nem tenham conhecido o que havia ocorrido, acreditando que a retirada de Courveille se relacionava a fricções que teriam surgido. De modo especial, tais fricções pareciam causadas pelo fato de que Courveille esperava ser considerado como Superior e honrado como tal, mas os Irmãos não asseguraram o que pretendia. Assim, o seu afastamento seria plausível. Deu Courveille essa racionalização ao pároco de St. Antoine, quando tomou posse de uma abadia aí. Essa era a razão que ele dava, sem dúvida, nos diversos lugares em que a sua falta não era conhecida, particularmente antes das suas futuras faltas, quando ele gozava ainda a reputação de austeridade e piedade.

“Vamos a uma característica que retrata o Pe. Gauché. Em certa reunião social, um voltairiano estava presente; como as pessoas estavam cantando, o discípulo de Voltaire cantou uma canção que estava longe de ser conveniente. O hospedeiro, rindo, perguntou: “Reverendo, que pensa da canção”? O Pe. Gauché não se perturbou, respondendo malicioso: “Aceito o lindo continente da veludosa voz; mas deixo para outros alguma coisa também; por exemplo, o conteúdo”.



Pe. Detours.

Comentário

O Pe. Detours foi pesquisador marista. O seu relato do acordo Champagnat-Courveille mostra a habilidade do Pe. Gauché, mas também assinala a discrição de Champagnat na questão Courveille e na sua capacidade de fazer amigos com pessoas de qualidade, como no caso do Pe. Gauché.

Outubro de 1837. O Pe. Colin escreveu ao Pe. Champagnat de Lião acerca do Pe. Douillet e da Côte St. André.

“Não veria grandes dificuldades acerca de se estabelecer para breve um noviciado em La Côte, com a condição de que seja dirigido com o mesmo espírito de l’Hermitage e que permaneça sob o seu controle.”⁵⁰

Comentário

Este pequeno extrato mostra a estima de Colin por Champagnat e a sua confiança nele.

Em 9 de junho de 1840. Carta de Jacques Bellier ao Pe. Mazelier de St. Paul-Trois-Châteaux.



Saint-Paul-Trois-Châteaux

*“L’Hermitage de St Chamond,
9 de junho de 1840.*

“Caro amigo

“Ontem celebramos o funeral do digno Pe. Champagnat. Ele morreu no sábado, às quatro e quinze da manhã, depois de uma hora de agonia. Havia recebido a Comunhão por três vezes como viático, na quinta-feira anterior. Ele nos edificou constantemente pela sua admirável paciência e pela união

⁵⁰ Provavelmente o Padre Terraillon.

com Deus, com a Santíssima Virgem e São José, seu patrono. De contínuo ele os invocava para obter a força de suportar os seus longos e intensos sofrimentos.

“J. Bellier, sacerdote

Comentário

Tem-se aqui belo e genuíno relato da morte de Champagnat e reflexão sobre ele. O Pe. Bellier, amigo do Bispo Devie de Belley, foi o fundador do grupo de sacerdotes missionários dentro da França. Em l’Hermitage, a que ia em toda a temporada de verão entre 1835 e 1840, ele há de ter chegado a compreender o caráter e o espírito de Champagnat e a sua maneira de tratar os Irmãos e gerenciar os negócios. A sua conclusão consistiu em recomendar ao Pe. Mazelier, seu amigo, a efetuar a união da sua pequena congregação de Irmãos àquela de Champagnat. Ele aderiu a esta idéia, apesar das dúvidas e preferências de Mazelier.

A carta de Bellier, escrita dois dias depois da morte de Champagnat, constitui outro valioso e independente testemunho da vida e do espírito de Champagnat em Notre Dame de l’Hermitage.

“Oh! que algum Poder nos dê a graça
de nos vermos como os outros nos vêem.”

Acabamos de ver são Marcelino Champagnat na luz dos comentários dos contemporâneos, isto é, como outros o viam. Dos diversos refletores dirigidos sobre ele pelos homens do seu tempo, emerge a imagem de um homem que, apesar da sua fragilidade humana comum conosco, merece de pleno sobressair intrépido na luminosidade dos santos e nela banhado.

Em 14 de abril de 1999. O novíssimo ponto de vista sobre Champagnat.

É a fórmula de canonização, dada pelo Papa João Paulo II na Praça de São Pedro.

“Para a honra da Santíssima Trindade, para a exaltação da Fé Católica e desenvolvimento da vida cristã, com a autoridade de Nosso Senhor Jesus Cristo, com aquela dos santos Apóstolos Pedro e Paulo e com a nossa própria autoridade, depois de haver refletido por longo tempo, tendo invocado a divina assistência muitas vezes e tendo escutado a opinião de muitos dos nossos Irmãos no episcopado, declaramos e definimos como santo o

bem-aventurado Marcelino José Bento Champagnat; nós o inscrevemos no álbum dos santos e estabelecemos que em toda a Igreja ele pode ser devotamente honrado entre os santos. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.”

Um novo documento

Ir. André LANFREY, FMS

Estatutos de sociedade de Maria

Este documento me foi enviado pelo arquivista dos Irmãos da Santa Família, em Belley, o Ir. Theodoro Berzal. Ele consta nos arquivos juntamente com outro documento menos importante, mas assinado por Champagnat. Todos os dois foram muito provavelmente enviados por Champagnat a Monsenhor Devie, em dezembro de 1836 (carta 75). O texto está sobre uma folha dupla, de formato 21,5 X 27,5 cm por página, escrito sobre as duas páginas interiores. O papel é relativamente grosseiro, a escrita inclinada e fina, é facilmente lisível, sem exigir grande esforço de compreensão. O texto está dentro de um quadrado feito a lapis. Os números dos artigos estão fora do quadrado, como se tivessem sido acrescentados depois. Não há nem indicação de data nem assinatura. Após uma comparação com diversas escritas, eu penso que este documento é de Mons. Pompalier e que foi redigido em 1830. Em relação aos 16 artigos que ele contém, os nº 5 a 8 são completamente originais e formam o coração de um projeto de Sociedade de Maria muito diferente daquele de J. C. Colin. É verdadeiramente um manifesto da Sociedade de Maria de l'Hermitage tal como ela foi vivida a partir de 1825, com o objetivo de fazê-la perdurar através de uma estrutura descentralizada, a qual me parece trazer a marca de Mons. Pompalier.

ESTATUTOS DA SOCIEDADE DE MARIA

- Art. 1 Os irmãos de Maria têm por missão principal a instrução primária; eles ensinam o catecismo, a leitura, a escrita, o cálculo, os princípios da gramática, o canto litúrgico e a história sagrada. Em suas aulas, eles seguirão o método dos irmãos das Escolas Cristãs.
- Art. 2 Sua missão é ainda de dirigir casas de providência ou de acolhida para os jovens recuperados da desordem ou expostos ao perigo da perda dos bons costumes.
- Art. 3 Depois de um noviciado de três anos eles fazem, se tiverem dezouito anos completos, os votos simples de Religião, dos quais podem ser dispensados.
- Art. 4 Se um irmão deixa a sociedade, ou se ele é mandado embora, o que não deve acontecer senão em razão de má conduta, a sociedade lhe restitui o que ele trouxe, deduzidos os gastos de noviciado e as despesas extraordinárias que tenha feito.
- Art. 5 A Sociedade de Maria é governada por um Superior geral, o qual é um dos padres capelães dos irmãos; ele é nomeado por toda a vida, pelos principais responsáveis da obra e pela maioria dos votos. A convocação é feita pelo suplente do superior falecido, e a eleição é presidida também por ele.
- Art. 6 Antes da dispersão da assembléia, esta nomeia ainda um número de suplentes ou assistentes do Superior geral, segundo as necessidades.
- Art. 7 Os padres capelães fazem parte da Sociedade; dela observam as Constituições e dão aos irmãos o apoio espiritual da Religião.
- Art. 8 Se o número dos padres vier a tornar-se mais que suficiente para as necessidades dos irmãos, aqueles oferecem seus serviços aos bispos respectivos das dioceses em que estão, para serem empregados nos ofícios do sacerdócio que eles acharem por bem confiar-lhes. No entanto, estes padres nem por isso deixarão de fazer parte da sociedade; eles estarão sempre dispostos a nela entrarem, quando as necessidades o exigirem, e que o superior geral os requisita
- Art. 9 Casas-mães são estabelecidas para servirem de noviciado ou de retiro aos irmãos durante suas férias. Cada uma delas é regida por um irmão superior no que diz respeito às necessidades diárias. Este irmão pode ser revocado pelo superior geral, que consultará, no entretanto, a opinião do seu conselho.
- Art. 10. Cada estabelecimento ou escola paroquial é governada por um irmão denominado reitor, o qual fica sob a dependência do superior da casa-mãe de cuja competência está investido, e que é nomea-

- do por este, assistido por seu conselho.
- Art. 11 Nenhum irmão será nomeado superior de casa-mãe se não tiver a idade de pelo menos vinte e cinco anos, e cinco anos de profissão
- Art. 12 Todos os três, quatro ou cinco estabelecimentos de paróquia, conforme a comodidade ou proximidade dos lugares, terão um irmão chamado de grande reitor, que será nomeado pelo superior da casa-mãe, cuidará da boa ordem das escolas a ele confiadas e o informará todos os meses do andamento das coisas.
- Art. 13 Os irmãos de Maria dirigem-se, normalmente, por dois ou três às comunas para onde forem solicitados para manter a escola; mas nunca irão sozinhos.
- Art. 14 Não lhes é permitido ensinar o latim, ou dar aulas em particular no interior ou fora da casa da escola.
- Art. 15 As autoridades e os Srs. eclesiásticos são os únicos admitidos a visitar as aulas. A residência dos irmãos é absolutamente interdita às mulheres.
- Art. 16 O superior da casa-mãe combina ordinariamente com as comunas que pedirem irmãos, uma quantia razoável e módica a fim de prover à subsistência dos mesmos; mas raramente ele consente em receber distributivamente dos pais dos alunos a soma suficiente para sua manutenção. Por ser verdade, estes artigos foram assinados.

Comentário

Este documento está fortemente ligado a fontes datando praticamente todas de 1824-1830. Se o autor delas for realmente Mons. Pompallier, seria preciso datá-lo antes da eleição de J.C. Colin em outubro de 1830 (cf OM doc.221). Após esta data, não tem mais sentido, pois o projeto marista é transformado e a perspectiva duma Sociedade de Maria centrada nos Irmãos já não tem atualidade. Outro argumento de data é a revolução de 1830, fim de julho, que destrói a última tentativa de autorização da congregação que tudo permitia como adquirida. Portanto seria preciso datá-la antes de junho-julho de 1830, num clima de otimismo suscitado pela promessa da autorização e o cuidado de passar a uma outra etapa: instituir constituições.

O projeto parece consagrar a tradição marista desde as origens, a saber, o fato de que se pertence à sociedade, mesmo nos postos diocesanos, o que leva a conceber a SM de Lião como uma nebulosa com um centro visível e aderentes dispersos¹. Aí se vê bem a ambigüidade das rela-

¹ Ver OM doc. 625 : Rousselon, Sarrasin, Journoux ; doc. 248, Perra ; doc. 334, Decultieux. Annales du F. Avit :1835, Matricon (cf. Avit)

ções com a diocese que o texto pouco evoca, mas que, de fato, segura as chaves de toda a organização nomeando os capelães e autorizando ou não a reunião dos membros da SM. Além disso, é da diocese que Champagnat tem a sua legitimidade² e é com seu aval que ele organizou l'Hermitage onde os padres são tanto servidores dos irmãos como seus superiores.

Sem a revolução de 1830, que impede a Sociedade dos irmãos de se constituir oficialmente, é provavelmente esta teoria que teria prevalecido na diocese e a posição de Séon (ver documento 625 em anexo) teria sido assim consideravelmente enfraquecida. Paradoxalmente, a Revolução de 1830 reforça a posição do grupo de Belley e dos Lyoneses que a ele aderiram de coração, enfraquecendo a posição de Champagnat e sobretudo a de Mons. de Pins, comprometido no projeto de uma SM fundada sobre os irmãos e autorizada por um governo com o qual ele havia se comprometido. A Revolução de 1830, muito anticlerical, deixa pressagiar que a posição dos irmãos é bloqueada por muito tempo, daí o projeto de os afiliar aos clérigos de Saint Viateur em 1832, do qual Mons. Pompallier parece a peça chave.³ As circunstâncias pareciam pois favorecer um projeto de SM composta de padres autônomos dos irmãos

Pompallier parece ter sido o homem da diocese antes da Revolução de 1830, exercendo em seu nome a direção espiritual de l'Hermitage e constituindo uma espécie de dupla com Champagnat, obtendo sucesso (quando a dupla Champagnat-Courveille, em 1823-26, havia falhado, da mesma forma com Séon, em 1823-1826) e tendo, provavelmente, com o aval da diocese, a missão de estruturar uma obra que Champagnat administre demasiado sozinho no dia-a-dia aos olhos das autoridades.

O julgamento de Séon também é precioso (ver doc.625 em anexo) a este respeito, que apresenta Pompallier obsediado de regras.⁴ Aliás este texto, em ruptura com a preocupação de centralização de Champagnat que não via senão uma hierarquia curta: superior – capelães – irmãos em torno de uma única casa-mãe parece ter a sua marca. Com efeito, prever casas-mães e grandes reitores era chegar a uma visão larga e descentralizada da sociedade, o que Champagnat verdadeiramente não vai admitir e ainda menos os seus sucessores que cuidarão para que o superior e seus assistentes governem a partir de um ponto central, os superiores de casas-provinciais desempenhando antes a função de grandes reitores provinciais encarregados de informar e de vigiar, mas sem autonomia verdadeira.

² Carta de M. Cattet , 18 de dezembro de 1830, OM, doc. 226.

³ OM1, docs. 258-260 ; OM 4 p. 338.

⁴ Ver também OM doc. 208, carta de Cattet à Pompallier de 2/12/1829.

A reunião dos aspirantes maristas das duas dioceses de Lião e de Belley em outubro de 1830, que estabelece Colin como superior provisório, é pois a derrota de Champagnat, da diocese de Lião e de Pompallier. Isto é tão certo para este último que ele não poderá entender-se com o grupo de Valbenoîte e ficará em estreita ligação com Champagnat, fazendo dele o seu executor testamentário.⁵ Há também a carta de Champagnat a Pompallier de 27 de maio de 1838 (n. 194), em que ele não tem um palavra para a SM em geral, mas tão somente dando notícias detalhadas sobre Hermitage e a sociedade dos irmãos (citando os seus três auxiliares: M. Matricon, Besson e o Ir. Francisco).

Em suma, Champagnat e Pompallier, mas também Matricon e Besson a partir de 1835, guardaram a tradição de l'Hermitage de que os estatutos de Belley parecem dar a mais pura expressão, tendo sido a utopia de Champagnat racionalizada num texto suficientemente aberto para lhe permitir uma expansão que vai, aliás, realizar-se largamente conforme suas visões.

Esta visão da SM mal considerada em 1830-1836 pela reunião dos grupos de Belley e Lião e a emancipação dos Maristas de Valbenoîte torna-se atualidade quando, não tendo Roma reconhecido senão o ramo dos padres, Champagnat encontra-se, de fato, apenas com os irmãos e dois padres (Matricon e Besson). E se estes estatutos foram enviados a Mons. Devie, como é quase certo, é que eles correspondem bem à situação dos Irmãos Maristas da época, Champagnat, que acaba de se comprometer a título pessoal na SM, tendo necessidade de tempo para saber como nela afiliar seus irmãos sem trair o sentido de uma obra que ele não considera somente como a sua. A situação não será esclarecida senão em 1837, quando Champagnat renunciará sua função de superior dos irmãos e não os governará mais senão por delegação do superior geral.

A Sociedade de Maria, como entidade única, teria pois enfrentado duas crises maiores: em 1827-30, com Séon e o grupo de Belley contra Champagnat, Pompallier e a diocese de Lião; em 1836-37, quando Champagnat adere à SM dos padres sem que os seus irmãos sejam claramente incluídos no projeto.

Mas 1827-1830 poderia não ser senão a segunda crise de identidade, pois uma primeira teve lugar em 1825, entre Courveille, Champagnat e Terrailon. Sabe-se que este último, ligado a Belley, faz malograr a SM, segundo Courveille, e compromete a SM segundo Champagnat. Mas o episódio da eleição do superior dos irmãos contado pelo Ir. João Batista na Vida de Champagnat (p. 139-140) chama a atenção, pois que esta parece efetuar-se

⁵ Circulares, t. 1 p. 210

conforme uma idéia da SM que se acha no texto atribuído a Pompallier:

“Padre Courveille tinha a pretensão de ter sido o primeiro a ter a idéia de fundar a sociedade dos Maristas, e com este título, estabelecia-se com Superior geral dos Irmãos. O Padre Champagnat [...] não pôs a menor dificuldade para lhe deixar assumir a qualidade de superior e para deixar-se ver como tal por todos os irmãos. Como a Sociedade dos Padres Maristas e a dos Irmãos, no pensamento de todos se confundiam então num só e mesmo projeto, e que se acreditava que não devia ser senão uma só obra sob um chefe único, os irmãos não deram mostra de nenhuma contrariedade com este nova situação. Aliás, contavam que o Padre Champagnat estaria sempre à frente deles, que o Sr. Courveille não exerceria sobre eles senão uma direção geral, e se reservaria especialmente para os padres ...

Durante as férias de 1825, acreditando ter bem preparado os espíritos para aceitarem suas pretensões, reuniu os irmãos e, a fim de melhor esconder a cilada que lhes dirigia, falou-lhes demoradamente do bem que a Sociedade era chamada a fazer, as diferentes obras às quais iria dedicar-se. Portanto, concluiu ele, como os padres que aqui estão podem de um dia para o outro ser chamados para diversos ministérios, é necessário que vós escolhais, enquanto estivermos à vossa disposição, aquele que desejais para vos conduzir”...

O Ir. J. Batista explica tudo isso pela ambição de Courveille, o que não está errado, mas incompleto, pois este, superior de fato, tem boas razões para proceder a uma eleição visto que a congregação é agora reconhecida pela diocese. O prospecto impresso em 1824, apresenta-a como sociedade de educação. Em janeiro foi enviado um pedido de autorização oficial que tinha probabilidade de obter sucesso. Afinal, Champagnat deu aos irmãos, em 1824, um “pequeno escrito” (Vida p. 113) sobre a finalidade do instituto e o zelo pela educação das crianças. Proceder a eleições parece, pois, necessário para terminar a obra.

Quanto aos irmãos reunidos, o Ir. J. Batista não determina de que se trata, mas certamente são os “principais responsáveis das obras”, isto é, os diretores de escola e os principais irmãos da casa-mãe, ou seja, entre dez e quinze membros, tendo os estatutos de 1825 provavelmente servido de modelo (em 1824 há 20 irmãos e 10 noviços em l’Hermitage e 22 nos postos (escolas)). O superior deve ter sido eleito por toda a vida. O P. Champagnat não tendo sentido necessidade de ser reeleito em seguida, e o artigo 5 dos estatutos de Belley não considerando senão uma causa de eleição: a morte do superior precedente. Uma eleição por toda a vida era aliás de tradição tanto em meio monástico como na Sociedade de Jesus, os dois maiores modelos da época. Além disso, a eleição de J.C. Colin em 1836, e a do Ir. Francisco em 1839, são ambas por toda a vida. Notar-se-á também que

que o discurso de Courveille prevê o conteúdo do artigo 8: a possibilidade para os capelães em número excedente, de ocupar postos diocesanos.

Em resumo, estas eleições já se realizam segundo os estatutos de 1830. Toda questão é saber apenas se acontecem conforme um texto constitucional retomado em 1830, ou simplesmente após entendimento oral entre os protagonistas envolvidos. Em todo caso, estas eleições estabeleceram um precedente e, sobretudo, elegendo Champagnat, os irmãos criam uma situação de crise, vindo o poder eletivo contradizer o poder carismático. Cada um dos padres de l'Hermitage viu esta crise à sua maneira: Courveille radicalizando o seu projeto, antes de se retirar; Champagnat caindo doente, perde a esperança na sociedade dos padres, acreditando que ela só irá adiante através de outros homens; Terrailon retirando-se.

Entre 1827-30, a situação não será muito diferente, embora com outros atores: Champagnat que assume agora figura de chefe carismático e de superior é recusado por Séon e os outros Padres Maristas, exceto Pompallier, que se retira. Ao querer que a Granja Payre fosse aceita como residência dos Padres Maristas em 1834, mostra que não abandonou uma certa idéia da SM próxima da vida conventual e dos irmãos.

Em 36-37, com relação aos padres, Champagnat já não tem nem função carismática reconhecida nem poder institucional, ao passo que, do lado dos irmãos, estas duas prerrogativas nunca foram tão fortes. Parece, pois, normal que tivesse pensado em algum momento reativar uma concepção da SM que lhe parecia profundamente legítima e ameaçada pela separação instaurada em razão do reconhecimento apenas dos Padres.

Conclusão

De fato, estes três episódios ilustram a dificuldade para um grupo utópico e carismático de passar da inspiração à instituição, que obriga a uma laicização da autoridade e a uma mudança das funções, as inspiradas cedendo o lugar às institucionais ou transformando-se elas mesmas em institucionais. Ainda mais desestabilizante: são os novos discípulos que obrigam aqueles que se acreditavam inspirados a se interrogarem sobre a realidade do seu dom, e aqueles que se criam discípulos a aceitar de serem revestidos de um carisma.

O surpreendente é que o grupo marista, entre 1830 e 1840, tenha conseguido se instituir sem ruptura maior: apenas se deu o afastamento de Courveille. Isto diz muito sobre a qualidade dos homens, mas não dispensa ver que as tentações de ruptura definitiva foram fortes. Os estatutos de Belley parecem prová-lo.

André Lanfrey, 29/01/04

ANEXO I

OM 2, doc. 625, citação do P. Séon (abril de 1846)

O Sr. Séon, ordenado a 9 de junho de 1827, junta-se ao Sr.Champagnat, em l'Hermitage, em 13 de junho.

... Entretanto, o P.Champagnat estava completamente absorvido pelo ramo ao qual se tinha dedicado, vendo que Deus começava a abençoar os seus esforços. Não pensava tanto ao dos padres, ao qual dava agora menos atenção. Um dia, falando-lhe o Sr. Séon de seus desejos sobre este assunto, disse-lhe o P. Champagnat: Ah! meu caro, não se deve pensar nisso; não haverá, creio eu, outra Sociedade de Maria senão a dos irmãos: o resto não acontecerá; não pense mais nisso. Vós fazeis o bem aqui, e a nossa obra dá glória a Deus; isso nos deve bastar. A estas palavras, o Sr.Séon acordou como de um sono, e disse-lhe: Nesse caso, Sr.Champagnat, fui enganado. O que vós fazeis aqui está bem, mas eu quero pertencer a uma sociedade religiosa de padres ocupados em evangelizar...

Séon empreende esforços para de novo lançar o ramo dos padres, e traz o Sr.Bourdin, diácono, que chega a l'Hermitage em dezembro de 1827.

Numa carta de 18 de dezembro de 1828 ao vigário geral Cattet (OM1 doc.185), Champagnat afirma sua fé no ramo dos padres, não podendo a Sociedade dos irmãos ser considerada como a obra de Maria. Tendo, pois, curiosamente retomado a argumentação de Séon (cf.doc.625), solicita a nomeação de um padre ecônomo, lembrando ao vigário geral a sua promessa de lhe dar todos os que corresponderiam à obra, isto é, contentando-se com o “nutritum” e com o “vestitum”. E determina as funções atuais de cada um dos capelães:

O Sr. Séon, como o sabeis, ocupa-se do espiritual da casa, do nosso fabrico de fitas e de levar socorro de vez em quando às paróquias vizinhas, as quais temos, como sabeis, tanto interesse em dirigir. O Sr.Bourdin tem a intendência das aulas dos noviços, da escrita, do cálculo, do canto, do catecismo, da livreria dos estabelecimentos e da pequena capela. Quanto a mim, estou encarregado das visitas dos estabelecimentos, do exame dos meninos confiados às nossas escolas, da correspondência, dos arranjos a combinar com os municípios, da mudança dos irmãos, da recepção dos noviços que se apresentam, numa palavra, do andamento geral e

particular de todos os estabelecimentos. Não posso dar às necessidades da casa senão um tempo insuficiente, sem nada poder fazer pelos estabelecimentos cujas despesas não são muito cuidadas.

O P.Séon (doc. 625) após ter evocado a chegada de Pompallier, em setembro de 1829, dá uma idéia do regime de vida dos Padres de l'Hermitage:

Em l'Hermitage vivemos inteiramente misturados com os irmãos. Seguimos um regulamento muito severo; fazia-se a culpa com exatidão e, depois da culpa, cada uma dizia publicamente ao que se acusava tudo o que tinha notado dele. M.Pompallier, que tinham nomeado no arcebispado como diretor espiritual, exigia a regra. Então, pensamos que era preciso separar os padres dos irmãos. M. Champagnat a isso muito se opunha, mas a situação foi votada e votos foram contra ele. Os padres foram, portanto, estabelecer-se na casa de M.Rouchon, pároco de Valbenoîte, que doou sua casa à Sociedade na condição de que ela lhe forneceria vigários.”...

ANEXO 2

Carta 75 : de Champagnat a Mons. Devie, dezembro de 1836.

*... Para obter a nossa autorização, **redigimos os estatutos abaixo** que enviámos a Paris em 28 de fevereiro de 1834, com uma carta ao rei contendo uma informação histórica da fundação do nosso Instituto. Ainda no mês de maio de 1835, escrevemos à Rainha que nos respondeu estarem ainda as nossas cartas nas mãos do ministro. A principal causa do atraso que sofremos vem, penso, de que o Sr. Guizot, sendo protestante, não vê com prazer uma associação toda consagrada a Maria. Eis a resposta que recebemos: “quanto ao próprio pedido de autorização da vossa casa como associação, não nos pareceu, presentemente, possível de acolhê-la”.*

*Sei⁶ que me falastes dos estatutos dos irmãos de Saint Paul-trois-Châteaux, não me lembro de os ter recebido. Temos a regra do Sr. de Lamennais que nos comunicou um respeitável eclesiástico da diocese de Grenoble. **Os estatutos da associação estão no começo, apressamo-nos em vo-los comunicar.** Monsenhor, continuo sempre este assunto...*

⁶ O P. Champagnat não marca parágrafo.

CRONOLOGIA

1. Retomada da Sociedade dos padres em l'Hermitage: junho 1827 – outubro 1830

- Junho de 1827: Sr. Séon em l'Hermitage
- Entre junho e Todos os Santos? Desacordo entre Séon e Champagnat e intervenção de Séon para relançar os padres.
- Dezembro de 1827: chegada do Sr. Bourdin, diácono.
- 18 de dezembro de 1828: carta de Champagnat ao v. g. Cattet: fé na Sociedade dos padres.
- Setembro de 1829: Pompallier em l'Hermitage.

2. Existência oficiosa da SM. Champagnat superior dos padres e dos irmãos.

- Outubro de 1830 : Eleição de J.C. Colin como superior provisório da S.M.(doc. 221)
- 3-8 de dezembro de 1830 : os irmãos de l'Hermitage elegem Champagnat como reitor provincial.
- 18 de dezembro de 1830 : O arcebispo nomeia Champagnat superior da sociedade de Maria de Lyon.
- Janeiro de 1831 : Séon nomeado vigário à Valbenoîte (ao retornar de Charlieu, de 29 nov. a 30 dez.)
- Setembro de 1831, M. Fontbonne em Valbenoîte.
- 31 de dezembro de 1831 : Carta de J.C.Colin a Champagnat orientando-lhe a eleger um superior distinto daquele dos irmãos.
- 3 fevereiro de 1832 : A eleição é deixada para mais tarde, mas o princípio da separação é reafirmado.
- Dezembro de 1831 – outono de 1832, discussões sobre o princípio da separação (docs 241, 242, 246).

3. Os Padres Maristas em Valbenoîte. Séon superior.

- Outono de 1832: Decisão de separação e nomeação de Séon como superior dos padres (doc. 255)
- M.Forest fica provisoriamente em l'Hermitage (doc. 262) à espera que M. Servant lá se instale. Este aí ficará até 1836 (cf.carta de Champagnat a De Pins, quaresma de 1835 (doc.334) : “Sr. Servant que me foi adjunto e que muito merece louvores, ocupa-se de manhã à noite, retirado em seu quarto, com sermão, pregação de missão”. Por isso Champagnat

- pede como ecônomo M. Decultieux, vigário em Pélussin.
- Outono de 1832: M. Pompallier, capelão de la Favorite, em Lyon.
 - Dezembro de 1832: M. Chanut em Valbenoîte.
 - Fevereiro de 1833: M. Forest em Valbenoîte.

4. Pedido de autorização romana

- 24 de junho de 1833: carta de J.C.Colin a Champagnat pedindo-lhe de preparar um resumo da regra de seus irmãos.
- Agosto - setembro de 1834: cartas de Champagnat oferecendo a Grange-Payre para os Padres Maristas
- 1835, Sr. Matricon, de Marllhes, torna-se capelão dos irmãos. Permanecendo nesta função por 40 anos.
- 11 de abril de 1836, J.C.Colin informa a Champagnat a aprovação romana.

5. As conseqüências da aprovação romana

- 24 de setembro de 1836: eleição de J.C. Colin como superior geral. Votos dos primeiros maristas.
- Dezembro de 1836: Carta 75 de Champagnat a Mons.Devie: envio dos estatutos.
- 18 de setembro de 1837: Champagnat entrega a J.C.Colin a Sociedade dos irmãos (doc. 416)

ANEXO 4

Comparação dos estatutos da SM com o prospecto e diversos estatutos.

Princípios de estabelecimento do quadro;

Não procurei extrair trechos de todos os documentos que correspondem aos artigos dos estatutos da SM achados em Belley, mas pôr em evidência os documentos que, pela primeira vez, oferecem um paralelo. Por isso são privilegiados os documentos de 1824-25, isto é, o projeto de prospecto, o prospecto ele mesmo, os estatutos de 1825 redigidos em vista de obter a autorização legal, ligeiramente modificados em 1828 por acréscimo de um artigo. Resta outro documento importante, da mão do P. Champagnat, datado do verão de 1830, que parece próximo do documento encontrado em Belley.

ESTATUTOS DE BELLEY	OUTROS DOCUMENTOS
<p>Artigo 1° Os irmãos de Maria têm como missão principal a instrução primária; eles ensinam o catecismo, a leitura, a escrita (caligrafia), o cálculo, os princípios da gramática, o canto da Igreja e a história sagrada. No seu ensino, eles seguem o método dos irmãos das escolas cristãs</p> <p><i>Comentário: Este artigo é claramente inspirado no prospecto e estatutos de 1825.</i></p>	<p>Projeto de prospecto, junho de 1824, § 2 : No ensino nós seguimos o método dos I.E.C. Ensinamos primeiramente o catecismo e a oração; em segundo lugar, a leitura, a escrita; em terceiro lugar o cálculo e os primeiros princípios da gramática; em quarto lugar, o canto da Igreja e a história sagrada.</p> <p>Prospecto, julho de 1824, § 10 : Eles ensinam o catecismo, a leitura, a escrita, o cálculo, os princípios da gramática francesa, o canto da Igreja e a história sagrada.</p> <p>§ 11 : eles utilizam, no ensino, o método dos Irmãos da Escolas Cristãs.</p> <p>Estatutos dos PIM da diocese de Lyon, 15 de junho de 1825: Artigo 1 . os Pequenos Irmãos de Maria têm por objetivo a instrução primária. Eles ensinam a leitura, a escrita, o cálculo, os princípios da gramática francesa, o canto da Igreja, a história sagrada. Eles utilizam, no ensino, o método dos Irmãos da Escolas Cristãs.</p>
<p>Art. 2...</p> <p>Sua missão é ainda de dirigir casas de providência ou de acolhida para os jovens recuperados da desordem ou expostos ao perigo da perda dos bons costumes.</p> <p><i>Comentário: O artigo retoma, palavra por palavra, quase todo o artigo acrescentado nos estatutos de 1828, que parece uma codificação do projeto de 1824.</i></p>	<p>Projeto de prospecto, junho de 1824, § 10 : A instrução das crianças em geral e, em particular dos órfãos pobres, é o objetivo do nosso estabelecimento. Logo que tivermos terminado a casa de l'Hermitage e que nossos meios nos permitirão utilizar uma boa captação de água para atender os gastos da obra, receberemos crianças das casas de caridade; dar-lhes-emos melhores condições dando-lhes uma educação cristã. Aqueles que dentre eles</p>

	<p>tiverem disposições para a virtude e para a ciência, serão empregados na casa.</p> <p>Prospecto de 15 de janeiro de 1828, artigo 7, § 9 : O objetivo da congregação é ainda dirigir casas de Providência ou de acolhida para os jovens recuperados da desordem ou expostos ao perigo da perda dos bons costumes.</p>
<p>Art. 3...</p> <p>Depois de um noviciado de três anos eles fazem, se tiverem dezoito anos completos, os votos simples de Religião, dos quais podem ser dispensados.</p> <p><i>Comentário : É a retomada dos estatutos de 1825 com uma modificação de medida : 3 anos de noviciado em lugar de dois.</i></p>	<p>Projeto de prospecto, junho de 1824, § 6 : ... Desejaríamos ligá-los por votos usados nas comunidades.</p> <p>Prospecto, 19 de julho de 1824, § 4 : Eles farão um noviciado de dois anos.</p> <p>Estatutos dos PIM, 15 de janeiro de 1825, artigo 2 , § 3 : Após um noviciado de dois anos, fazem, se tiverem dezoito anos completos, votos simples, dos quais podem ser dispensados.</p>
<p>Art. 4...</p> <p>Se um irmão deixa a sociedade, ou se ele é mandado embora, o que não deve acontecer senão em razão de má conduta, a sociedade lhe restitui o que ele trouxe, deduzidos os gastos de noviciado e as despesas extraordinárias que tenha feito.</p> <p><i>Comentário : Este artigo 4 é muito próximo daquele dos estatutos de 1825 que inspira o dos estatutos de 1833. Os dois são idênticos ao artigo acima. Percebe-se bem o porquê da evolução: em 1825, Champagnat e a diocese desejam a autorização de uma congregação, coisa que o</i></p>	<p>Prospecto, 19 de julho de 1824, § 7 : Os que tiverem uma uma declaração de herança, a levarão para casa, o que dará por este motivo seguranças para o reembolso, caso o noviço venha a sair do Instituto; então seria feito um desconto pelos gastos do noviciado.</p> <p>Estatutos de 15 de janeiro de 1825, article 3, § 4 : Se um irmão deixa a sociedade, ou se ele é mandado embora, o que não deve acontecer senão em razão de má conduta, a congregação lhe restitui o que ele trouxe, deduzidas as despesas extraordinárias que tenha feito. Os irmãos da congregação não poderão dispor de bens, seja por doação entre vivos,</p>

governo não pode admitir pois não existe nenhuma lei prevendo a autorização das congregações masculinas. Também, em 1830 M. Cattet modifica o pedido de autorização no sentido exigido pelo poder. É este texto que fará parte dos estatutos submetidos à autorização em 1830, no qual só faltou a assinatura de Charles X. Em 1834, os novos estatutos da sociedade não integrarão mais este artigo que não é necessário, pois a forma congregacionista é definitivamente descartada.

Este artigo não tem, pois, mais utilidade que internamente, e tem pouca importância, uma vez que se utiliza a palavra “congregação” ao invés de “sociedade”.

O artigo acima se inspira nos estatutos de 1825 e 1830. É possível também que o texto datado do verão de 1833 sirva de modelo, a menos que não seja o inverso

seja por testamento conforme as leis do Estado relativas às congregações religiosas.

Rascunho dos Estatutos dos Irmãos de Maria, da mão de Cattet v. g., março de 1830, artigo 3 :

Se um irmão deixa a sociedade, ou se ele é mandado embora por causa de má conduta, ser-lhe-á restituído o que tiver trazido, feita a dedução das despesas extraordinárias que tiver ocasionado. Os irmãos da sociedade poderão dispor de seus bens conforme as leis do Estado.

Condições e estatutos dos irmãos de Maria, caderno 8 de Champagnat, da mão de um secretário, verão de 1830 ? artigo 3:

Se um irmão deixa a congregação, ou se ele é mandado embora, o que não deve acontecer senão em razão de má conduta, a congregação lhe restituirá o que ele trouxe, deduzidos os gastos de noviciado e de outras despesas extraordinárias que possa ter ocasionado (sic) à casa.

Estatutos da sociedade dos irmãos de Maria, páginas autográficas de Champagnat, caderno 7, verão de 1833 :

Se um irmão deixa a sociedade, ou se ele é mandado embora, o que não deve acontecer senão em razão de má conduta, a sociedade lhe restituirá o que ele trouxe, deduzidos os gastos de noviciado e de outras despesas extraordinárias que possa ter ocasionado (sic) à casa.

<p>Art. 5...</p> <p>A Sociedade de Maria é governada por um Superior geral, o qual, é um dos padres capelães dos irmãos; ele é nomeado por toda a vida e pela maioria das vozes pelos principais dirigentes da obra. A convocação é feita pelo suplente do superior falecido e a eleição é também presidida por ele.</p> <p><i>Comentário : No que se refere à eleição do Superior geral, há uma forte relação com o documento do verão de 1830, especialmente a fórmula “ por toda a vida e pela maioria das vozes”. Mas a grande questão é a limitação dos candidatos ao posto de capelão dos irmãos, o que supõe um grupo de padres não muito pequeno, conforme a situação que prevalece em 1829-30.</i></p>	<p>Estatutos 15 de janeiro de 1825, artigo 4, § 5 : A Congregação dos P.I.M. será governada por um superior geral que será nomeado apenas por três anos, mas ao final dos quais poderá ser renomeado. Será nomeado pela maioria absoluta dos votos pelos superiores das casas particulares que serão convocados com esta finalidade, e se reunirão na casa mãe ao menos em número de seis. Os irmãos professos que moram na referida casa terão também voz deliberativa. Esta eleição será presidida pelo Ordinário ou um delegado indicado por ele...</p> <p>Capítulo 8 de Champagnat, da mão de um secretário, “Condições e Estatutos dos Irmãos de Maria, verão de 1830 ? artigo 4: A congregação dos irmãos de Maria é governada por um superior geral nomeado por toda a vida pela maioria das vozes, pelos irmãos reitores dos estabelecimentos que são convocados com esta finalidade, e se reunirão na casa-mãe, pelo menos em número de sete. Os irmãos professos que moram na referida casa têm também voz deliberativa. Esta eleição será presidida pelo Ordinário ou por seu delegado.</p>
<p>Art. 6...</p> <p>Antes que a assembléia se disperse, ela nomeia ainda o número dos suplentes ou assistentes do superior geral, segundo suas necessidades.</p> <p><i>Os dois artigos divergem fortemente: um evoca uma sociedade já desenvolvida; o outro uma hierarquia elementar ligada a uma só casa-mãe. A função do superior aqui é diferente.</i></p>	<p>Estatutos de 15 de Janeiro de 1825, artigo 5, § 6 : O superior geral escolherá um diretor e um mestre de noviços que dará a conhecer à assembléia antes da sua dispersão.</p>

<p>Art. 7...</p> <p>Os padres capelães fazem parte da Sociedade; observam suas constituições e proporcionam aos irmãos os socorros espirituais da religião</p>	<p><i>Este artigo consagra uma situação desejada por Champagnat e pela diocese. (nutritum et vestitum ...)</i></p>
<p>Art. 8...</p> <p>Se o número dos padres vir a ser mais do que suficiente para as necessidades dos irmãos, eles oferecerão seus serviços aos bispos respectivos das dioceses onde estão, para que se ocupem dos serviços sacerdotais que lhes forem confiados. No entanto, estes padres não deixarão de fazer parte da sociedade; estarão sempre dispostos a voltar quando as necessidades o exigirem, e que o superior geral os solicite.</p>	<p>Condições e estatutos dos Irmãos de Maria, Caderno 8 de Champagnat, verão de 1830 ?, Preâmbulo nº 2 : A casa-mãe ... permanece sempre no direito de dispor dos seus membros, onde estiverem, segundo o bem geral da sociedade o exija.</p> <p><i>Encontramos aqui um traço fundamental da SM, segundo o qual os membros acreditavam que, não importando o que fizessem, continuariam membros da sociedade. Este foi o caso de Terrailon e mesmo de Courveille. Mas aqui há ambigüidade : se reunirá por causa dos irmãos a servir ou para constituir uma obra mais vasta ?</i></p>
<p>Art. 9...</p> <p>Casas-mãe são estabelecidas para servir de noviciado ou de retiro aos irmãos durante suas férias. Cada uma delas é regida por um irmão superior no concernente ao temporal. Este irmão pode ser destituído pelo superior geral que, no entanto, ouvirá o parecer do seu conselho. (2ª. página)</p> <p><i>O documento de Belley introduz aqui um degrau hierárquico somente sugerido no documento de 1825 (nomeação de um diretor). Ao empregar o plural ele se estabelece em um projeto a longo prazo, talvez levando em</i></p>	<p>Estatutos de 15 de Janeiro de 1825, artigo 6 § 7 : Cada casa da congregação será governada por um superior particular, sob a dependência do superior geral, que poderá nomeá-lo ou destituí-lo livremente, após haver, no entanto, ouvido a opinião do seu conselho.</p> <p>Condições e estatutos dos Irmãos de Maria, Capítulo 8 de Champagnat, verão de 1830 ?, artigo 6 : Cada estabelecimento do Instituto é governado por um irmão reitor que está sob a dependência do superior geral que pode nomeá-lo ou destituí-lo livremente, depois de haver, no entanto, ouvido a opinião do seu conselho.</p>

<p><i>conta uma realidade: a sociedade em várias dioceses (os primeiros irmãos em Isère, em 1831)</i></p>	
<p>Art. 10. Cada estabelecimento ou escola paroquial é dirigido por um irmão chamado reitor, o qual está sob a dependência do superior geral da casa-mãe na jurisdição à qual ele se encontra, e que é nomeado por este, assistido por seu conselho.</p> <p><i>Este artigo não parece estar no seu lugar adequado. Vê-se que ele é uma adaptação dos estatutos de 1825 e 1830. Simplesmente o termo superior geral foi substituído pelo de superior da casa-mãe.</i></p>	<p>Estatutos de 15 de Janeiro de 1825, artigo 6 § 7 : Cada casa da congregação será governada por um superior particular, sob a dependência do superior geral, que poderá nomeá-lo ou destituí-lo livremente, após haver ouvido, no entanto, a opinião do seu conselho.</p> <p>Condições e estatutos dos Irmãos de Maria, Capítulo 8 de Champagnat, verão de 1830 ?, artigo 6 : Cada estabelecimento do Instituto é governado por um irmão reitor que está sob a dependência do superior geral que pode nomeá-lo ou destituí-lo livremente, após haver, no entanto, ouvido a opinião do seu conselho.</p>
<p>Art. 11.. Nenhum irmão será nomeado superior de casa-mãe se não tiver a idade mínima de vinte e cinco anos, e cinco anos de profissão.</p> <p><i>Mesma adaptação dos artigos de 1825 e 1830. Foi aumentado, logicamente, o tempo de profissão para um posto mais importante. A idade mínima prevista revela uma congregação recente.</i></p>	<p>Estatutos de 15 janeiro de 1825, artigo 7, § 8 : Nenhum irmão será nomeado superior de casa-mãe se não tiver a idade mínima de vinte e cinco anos, e três anos de profissão.</p> <p>Condições e estatutos dos Irmãos de Maria, Caderno 8 de Champagnat, verão de 1830 ?, artigo 7 : Nenhum irmão poderá ser nomeado reitor se ele não tiver vinte anos e ao menos três de profissão.</p>
<p>Art. 12. Todos os três, quatro ou cinco estabelecimentos paroquiais, segundo a comodidade ou a proximidade dos lugares, terão um irmão, chamado grande reitor, que será nomeado pelo superior da casa-mãe, o qual cuidará da boa ordem das escolas a ele confiadas, e informará, todos os meses, sobre o estado das coisas.</p>	<p>Condições e estatutos dos Irmãos de Maria, Caderno 8 de Champagnat, verão de 1830 ?, artigo 8 : Em cada região o superior geral nomeará um grande reitor que cuidará do bom andamento das casas de sua responsabilidade, e informará ao superior, todos os meses, do estado das coisas.</p>

<p><i>Este artigo não tem sentido senão se a sociedade já dispõe de um número elevado de estabelecimentos bastante dispersos (em 1828, 14 escolas e 19 em 1832) ou se ela busca prever um crescimento rápido, o que parece ser o caso.</i></p>	
<p>Art. 13.. Os irmãos de Maria se reúnem, ordinariamente, em número de dois ou três nas comunas onde são solicitados para manter uma escola; mas não irão jamais em particular.</p> <p><i>Inspirado dos anos de 1824. Acrescentam uma precisão ao insistir sobre a recusa de um irmão sozinho através de uma fórmula curiosa : em particular.</i></p>	<p>Projeto de prospecto, junho de 1824, § 1 : Para remediar um mal tão grande (os “pedagogos ímpios”) estes piedosos professores devotados a Maria sob o nome de pequenos irmãos ignorantes, vão dois a dois, mesmo nas regiões pobres, onde os Irmãos das Escolas Cristãs não podem ir por falta de meios.</p> <p>Prospecto de 19 de julho de 1824, § 9 : Os Pequenos Irmãos de Maria vão às paróquias que os solicitam em número de três, e mesmo de dois.</p>
<p>Art. 14.. Não lhes é permitido de ensinar o latim ou dar aulas em particular no interior ou fora da casa da escola.</p>	<p>Condições e estatutos dos Irmãos de Maria, Caderno 8 de Champagnat, verão de 1830 ?, artigo 9 : Não é permitido aos irmãos maristas de ensinar o latim nem de dar aula em particular, nem dentro nem fora da casa da escola, por qualquer que seja o motivo.</p>
<p>Art. 15. As autoridades e os senhores eclesiásticos são admitidos sozinhos em visita às classes. A residência dos irmãos é absolutamente interdita às mulheres</p>	<p>Autógrafo de Champagnat, caderno 9, 1824 ? (Herrerros doc. 26 p. 330), observação nº 17 : Não introduzir nenhuma pessoa de sexo diferente no interior das casas.</p> <p>Condições e estatutos dos Irmãos de Maria, Caderno 8 de Champagnat, verão de 1830 ?, artigo 10 : As autoridades e</p>

	senhores eclesiásticos são admitidos sozinhos às classes. As mulheres não entram na residência dos irmãos.
<p>Art. 16. O superior da casa-mãe combina ordinariamente com as comunas que pedirem irmãos, uma quantia razoável e módica a fim de prover à subsistência dos mesmos; mas raramente ele consente em receber distributivamente dos pais dos alunos a soma suficiente para sua manutenção.</p> <p><i>Existe aqui a preocupação de separar a função do superior geral e aquela do administrador das escolas. Ainda que as idéias de modicidade da remuneração e da retribuição escolar estejam já formuladas, tem-se a impressão de que este artigo não copia os estatutos precedentes. Em particular, tem-se a surpresa de encontrar no artigo 16 uma fórmula também complicada.</i></p>	<p>Prospecto, julho de 1824 § 9 : ... As comunas poderão receber dos pais mais abastados alguma retribuição que cobriria uma parte das despesas dos estabelecimentos.</p> <p>Estatutos dos PIM, 15 de janeiro de 1825, § 2 : ... Eles ensinam gratuitamente e combinam com as comunas os meios de lhes proporcionar uma existência honesta e pouco onerosa.</p>
<p>Com o assentimento de todos estes artigos foram assinados.</p> <p><i>Parece tratar-se de um ato de engajamento na sociedade. E, como os irmãos se engajavam segundo modalidades diferentes, esta, parece estar dirigida aos padres.</i></p>	

Statuts de la Société de Marie.

article 1^{er}

Les frères de Marie ont pour objet principal l'instruction primaire; ils enseignent le catéchisme, la lecture, l'écriture, le calcul, les principes de la grammaire, le chant de l'église et l'histoire sainte. Dans leur enseignement, ils suivent la méthode des frères des écoles chrétiennes.

art. 2....

Leur objet est aussi de diriger des enfants de périmètre ou de refuge, pour les garantir, dans les cas de désordre, ou exposés à perdre les sens.

art. 3....

Après un noviciat de trois ans de plus, s'ils ont travaillé avec zèle, la vocation simple de Religion, dont ils peuvent être dispensés.

art. 4....

Si un frère quitte la société, ou s'il est renvoyé, ce qui ne peut être que pour une cause évidente, la société lui rend ce qu'il a apporté, déduction faite des frais de noviciat, et des dépenses extraordinaires, qu'il auroit occasionnées.

art. 5....

La Société de Marie est gouvernée par un Supérieur général, lequel est un des prêtres amoniteurs des frères; il est nommé à vie, et à la pluralité des voix, par les principaux chefs de l'œuvre. La convocation s'en fait par le Supérieur de l'église d'origine, et l'élection est présidée par lui.

art. 6....

Avant que l'assemblée de l'église d'origine ne commence, les Supérieurs de l'église d'origine, selon les besoins.

art. 7....

Les prêtres amoniteurs font partie de la société; ils suivent les constitutions, et donnent aux frères les secours spirituels de la Religion.

art. 8....

Si le nombre des prêtres vient à se trouver plus que suffisant pour les besoins des frères, comme ils offrent leurs services aux évêques supérieurs des diocèses où ils sont, pour être employés aux offices de sacristie, qui ne voudront être leur supérieur. Néanmoins les prêtres ne cessent point pour cela de faire partie de la Société; ils sont toujours disposés à y rentrer, quand les besoins l'exigent, et que le Supérieur général les demandera.

art. 9....

Des maisons ouverts sont établies pour servir de noviciat ou de retraite aux frères, pendant leur vie. Chaque maison est dirigée par un frère Supérieur, pour lequel on envoie le tiers par le frère peut être renvoyé par le Supérieur général, qui cependant pourra pour cela l'avoir de son conseil.

Suite des mêmes Statuts.

- art. 10. Chaque établissement ou école particulière est gouvernée par un frère appelé grand Recteur, lequel est sous la dépendance de l' supérieur de la maison où il se trouve, et qui est nommé par celui-ci appelé à sa volonté.
- art. 11. Au chef frère ou grand supérieur de maison mise, il n'est âgé au moins de vingt-cinq ans, et s'il n'a cinq ans de profession.
- art. 12. Tous les trois, quatre ou cinq établissements de paroisse, selon la proximité ou proximité des lieux, auront un frère appelé grand vicaire, qui sera nommé par le supérieur de la maison mise, verra au bon ordre des écoles à lui assignées, et l'informer tous les mois de l'état des écoles.
- art. 13. Les frères de l'école ne résident ordinairement par trois ou deux dans les communes, où ils sont demandés pour tenir l'école; mais ils n'y vont jamais seul à seul.
- art. 14. Il n'est pas permis à eux d'enseigner le latin, ou de faire des chiffres ou de l'écriture d'autre manière ou hors de la maison de l'école.
- art. 15. Les curés et M. M. les ecclésiastiques sont admis seuls à la visite des écoles. L'habitation des frères est absolument interdite aux personnes de la laïcité.
- art. 16. Le supérieur de la maison mise résidera ordinairement avec les communes qui dépendent des frères, d'une femme raisonnable et mariée, pour pourvoir à leur subsistance; mais néanmoins il veut à faire pourvoir, distribution des pains des écoles la somme suffisante pour leur traitement.
- En fin de tous ces articles ont signé

Editore : Istituto dei Fratelli Maristi – Casa generalizia – Roma, abril 2005

® Instituto dos Irmãos Maristas
C.P. 10250 – Roma. Italia.
Tél. (39) 06545171
Fax (39) 0654517217
E-mail: publica@fms.it
Web: www.champagnat.org

Fotolito : TIPOCROM S.r.l. – Via G.G. Arrivabene, 24 - Roma - Italia.
Stampa : C.S.C. GRAFICA, s.r.l. – Via G.G. Arrivabene, 40 – Roma - Italia.